

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

GABRIELA ALVARENGA PRESTES

**CULTURA POPULAR E GESTÃO CULTURAL MUNICIPAL:
O ESTUDO DE CASO DA MANIFESTAÇÃO DO (A) JARAGUÁ, ANCHIETA-ES.**

**NITERÓI
2011**

GABRIELA ALVARENGA PRESTES

**CULTURA POPULAR E GESTÃO CULTURAL MUNICIPAL:
O ESTUDO DE CASO DA MANIFESTAÇÃO DO (A) JARAGUÁ, ANCHIETA-ES.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial de obtenção de título de bacharel em Produção Cultural.
Prof.^a orientadora Maria Teresa Mattos de Moraes.

NITERÓI

2011

GABRIELA ALVARENGA PRESTES

**CULTURA POPULAR E GESTÃO CULTURAL MUNICIPAL:
O ESTUDO DE CASO DA MANIFESTAÇÃO DO (A) JARAGUÁ, ANCHIETA-ES.**

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Bacharel em Produção Cultural e aprovada em sua forma final pelo Curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense.

Niterói, 07 de julho de 2011

Profª. e orientadora Maria Teresa de Mattos Moraes
Universidade Federal Fluminense

Prof. Luiz Augusto F. Rodrigues
Universidade Federal Fluminense

Prof. Wallace de Deus
Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente à meus pais e minha irmã por sempre me incentivarem e serem meus companheiros de sempre. Agradeço muito à Professora Maria Teresa de Mattos Moraes por ter me dado a oportunidade de ser sua orientanda, por toda a paciência e atenção, todo o apoio e amizade. Obrigada, também, ao Professor Wallace de Deus e, claro, ao Professor Luiz Augusto F. Rodrigues por aceitar compartilhar esse momento tão simbólico da minha carreira profissional. Às minhas amigas Bárbara Silveira, Juliana Veiga e Izadora Barata as quais tive a oportunidade de explorar saberes e estudos, e claro a amizade. À todos os entrevistados desta monografia, à Anchieta e amigos locais,

Muito obrigada!

RESUMO

Esta monografia trata do estudo de caso da manifestação folclórica do (a) Jaraguá, no município de Anchieta, no estado Espírito Santo. Este personagem da cultura popular é composto pela cabeça da caveira de cavalo e corpo de musgo de mangue, e sai durante o Carnaval assuntando quem quer que passe pela sua frente.

Através dessa figura discutimos os conceitos de cultura, cultura popular, identidade cultural e patrimônio cultural. A partir disto analisamos as apropriações e reelaborações destas concepções na gestão política cultural do município de Anchieta.

Palavras Chaves: Jaraguá, cultura, cultura popular, identidade cultural, patrimônio cultural e gestão cultural.

ABSTRACT

This monograph deals with the case study of folklore manifestation of Jaraguá, in the municipality of Anchieta, Espírito Santo state. This character of popular culture is composed of the skull of a horse's head and body of swamp moss, and manifest during the Carnival scaring anyone passing through its opposite.

Through this figure we discuss the concepts of culture, popular culture, cultural identity and cultural patrimony. From this we analyze the appropriations and reworkings of these views in the political cultural management of the county of Anchieta.

Keywords: Jaraguá, culture, popular culture, cultural identity, cultural patrimony and cultural management

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS PRINCIPAIS CONCEITOS	8
1.1 CULTURA	8
1.1.2 A Cultura do Popular	12
1.2 IDENTIDADE CULTURAL.....	17
1.3 DE PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL AO IMATERIAL.....	21
2. UM HISTÓRICO BREVE DA CIDADE DE ANCHIETA-ES	24
2.1 DE ALDEIA À VILA.....	24
2.2 ANCHIETA HOJE.....	26
3. 'DESVENDANDO' A IDENTIDADE DO (A) JARAGUÁ	30
3.1 A FESTA DE SÃO BENEDITO.....	31
3.2 A FESTA DE FOLIA DE REIS E O ENCONTRO COM A PRIMEIRA MEMÓRIA VIVA DO (A) JARAGUÁ.....	33
3.3 O CARNAVAL E O (A) JARAGUÁ.....	37
4. DA EMANCIPAÇÃO DA CULTURA POPULAR EM POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL	40
4.1 SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE UMA CULTURA POLÍTICA, O PLANO NACIONAL DE CULTURA.....	40
4.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA NA GESTÃO POLÍTICA.....	43
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

Fundado há mais de 400 anos pelo jesuíta e Padre José de Anchieta, Anchieta é um município litorâneo, localizada ao sul do estado do Espírito Santo, com população atual de cerca de 20 mil habitantes. Tivemos a oportunidade de viver 13 anos no local e nesse período, pudemos perceber que suas características culturais são bem conservadas pela resistência da população, uma das que nos chamou atenção foi a manifestação do (a) Jaraguá.

O Jaraguá é a fantasia de um bicho que tem a cabeça de caveira de cavalo e corpo de musgo de mangue. Essa figura assustadora com olhos espelhados, de personalidade agressiva e selvagem, sai pela cidade durante o Carnaval. Um grupo de cerca de 6 pessoas fantasiadas de Jaraguá, corre atrás dos transeuntes que ficam com medo das suas mordidas barulhentas de 'osso com osso'.

O nome do (a) Jaraguá é tratado tanto no gênero masculino quanto no feminino, e quando perguntamos sobre essa variação, não houve uma explicação objetiva dos integrantes e ex-integrantes do grupo. Alguns disseram que conheciam com *a* Jaraguá, e outros como *o* Jaraguá. Em fontes bibliográficas a variação de gênero está presente e não há nenhuma justificativa, por isso, aqui nesse texto, para que não haja maiores desentendimentos, decidimos respeitar sua variação sem julgamento, tratando-o como *o(a)* Jaraguá.

Com o objetivo de analisar a relação prática entre cultura popular e políticas públicas de cultura, escolhemos a manifestação do (a) Jaraguá como estudo de caso. Enquanto produtora cultural e pesquisadora, nesta monografia, identifico o (a) Jaraguá como elemento identitário da cultura popular e patrimônio de Anchieta, e analiso, de acordo com as diretrizes do Plano Nacional de Cultura, as ações políticas da gestão cultural municipal em questão. Assim, divido meu trabalho em três momentos:

No Capítulo 1, procuramos introduzir e alinhar os conceitos de cultura popular, identidade cultural e patrimônio cultural, fundamentando-os na leitura bibliográfica de autores como Peter Burke, Frederik Barth, Stuart Hall, Ladislau Dowbor, Nestor Garcia Canclini e Milton Santos. Aqui temos a intenção de fundamentar a dimensão política desses conceitos-chaves.

Num segundo momento, durante os Capítulos 2 e 3, sob uma perspectiva local baseada nos dados colhidos durante o trabalho de campo em Anchieta, identificamos como esses

conceitos se aplicam na realidade, centrados na figura e manifestação folclórica do (a) Jaraguá. Para isso fizemos um acompanhamento histórico, unindo as informações das fontes bibliográficas e das entrevistas realizadas. Assim, podemos visualizar as transformações do elemento cultural estudado durante o tempo, no que diz respeito a seu significado e identidade cultural, a partir do momento reconhecido como inicial até o atual. Fazemos, também, um paralelo com os impactos sociais gerados pelo processo de desenvolvimento econômico e político de Anchieta, decorrente do fenômeno mundial contemporâneo da globalização.

Através de entrevistas e observação/participação direta com as pessoas envolvidas na manifestação do (a) Jaraguá (protagonistas – agentes culturais), procuramos o contato com a memória popular para identificar as relações sociais que a manifestação agregava e agrega, e perceber o que mudou.

A memória é a matéria-prima para reconhecimento e reconstrução dos valores culturais de uma identidade, assim como indica a historiadora capixaba Sônia Missagia Mattos, em *Anchieta nosso Patrimônio* (2006), a seguir:

A memória não é apenas uma volta a um tempo que já se perdeu, a um tempo morto. O tempo morto não poderia servir de referências para construção do futuro. A memória é feita de fragmentos do passado. São os fragmentos de memória que recolhemos do passado, como estamos tentando fazer agora que podem nos ajudar a manter à salvo nossa história, nossos costumes, nossas tradições, nossa identidade cultural.¹

Com a finalidade de indicar a potencialidade do valor patrimonial do (a) Jaraguá, após a análise dos fatores culturais que o envolvem, no Capítulos 4, e terceiro momento dessa monografia, entenderemos como se deu o processo de emancipação da cultura popular em políticas públicas aqui no Brasil. Analisaremos, também, as ações iniciais da gestão cultural municipal, no sentido de propor atividades que conquistem a participação da população envolvida e ajudem a construir o sentido de gestão participativa para manutenção e recriação das manifestações culturais, a favor do não 'esfacelamento' dos elementos populares e patrimoniais do nosso país. Por último, a conclusão.

¹MATTOS, Sonia Missagia. *Anchieta Nosso Patrimônio*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2006. p.78

1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS PRINCIPAIS CONCEITOS

Para que possamos começar a refletir sobre a relação entre cultura popular e políticas culturais, é necessário indicar em que sentido determinados conceitos como o de ‘cultura popular’, ‘identidade cultural’ e ‘patrimônio cultural’ estão sendo defendidos e expostos na monografia presente.

Após tal esclarecimento, será possível alcançar o sentido cultural e histórico que a figura do (a) Jaraguá significa na vida das pessoas da cidade de Anchieta. Mattos identifica a manifestação cultural como curiosa enquanto manifestação popular:

Há tempos que venho buscando o significado e o sentido desses elementos de nossa cultura. Os resultados que tenho encontrado são instigantes e complexos que me levou a identificar a celebração como um bem cultural raro, importante, não só, para a memória de Anchieta, mas para toda nação brasileira.²

Ao ser necessário discutirmos o conceito de cultura popular, é determinante procurar esclarecer o conceito de cultura, o qual até os dias de hoje, representa um desafio aos cientistas sociais na tentativa de agrupar em um conceito, características humanas.

Tendo-se como ponto de partida o século XVIII, entendido como século de transição da Idade Moderna para Contemporânea, observamos que o conceito de cultura não pode se restringir a uma concepção única e por isso a palavra agregou novos sentidos, como veremos de forma resumida a seguir.

1.1 CULTURA

Durante o século XVIII, época Renascentista das sociedades europeias e de desenvolvimento das disciplinas e academias, o conceito de cultura colocou-se em pauta.

²MATTOS, 2006, p.31.

Segundo o historiador inglês Peter Burke, haviam duas correntes intelectuais que defendiam o conceito de cultura da seguinte maneira:³ os românticos, que acreditavam que cultura era relativa às coisas naturais em contraposição a ideia de civilização, a qual expressava artificialidade e convenção; e os iluministas, que articulavam os dois termos, uma vez que eles concorriam para o desenvolvimento ou aperfeiçoamento do ser humano. Sob uma perspectiva positivista, cultura era a 'medida' de uma civilização, o desenvolvimento autônomo da razão na compreensão dos homens, da natureza e da sociedade para criar uma ordem superior (civilizada) contra a ignorância e a superstição.

Essa tensão sobre o conceito de cultura teve como consequência seu deslocamento de maneira generalizada no aspecto político e econômico das sociedades europeias, ligado-se positivamente ao vocábulo civilização, assim como os iluministas defendiam. Segundo Burke, esse movimento é justificado, principalmente, pelo momento histórico que os sustenta: a formação dos Estados Nacionais e a Revolução Industrial. O conceito de cultura restringia-se a arte, literatura e música.⁴

É possível perceber nessa conceituação uma tendência culturalista, ou seja, uma visão universal da cultura, que opondo a ideia de cultura à natureza, faz da primeira uma ocorrência sem desigualdades, ou seja, todos os povos possuem cultura e não são passíveis de serem comparadas valorativamente.

Incentivadas pelo movimento político-econômico Neocolonialista, durante o século XIX, foram realizadas muitas pesquisas sobre etnias e povos diversos com a finalidade de ter uma espécie de 'relatório' de reconhecimento da cultura a ser colonizada. Com isso, foi possível ao colonizador criar estratégias de “sensibilização” daquele povo para absorção de seus valores culturais e modo de produção capitalista. A filosofia positivista ainda se destacava no conceito de cultura. A partir dessa perspectiva havia uma lógica evolutiva das culturas e sociedades, em que uma era melhor que a outra, entendendo-os, quando isolados, como elementos homogêneos, coerentes, singulares e unitários.

Já no século XX, em consequências dos processos históricos da Segunda Guerra Mundial (1930-1945) e Guerra Fria (1945-1990), as relações de poder econômico e político mundiais e, principalmente, a ampliação do sistema de comunicação e o desenvolvimento da tecnologia de transporte, ofereciam condições favoráveis mais seguras para pesquisas em

³BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p.20.

⁴Ibid, 2010, p.22.

outras culturas do mundo. O desenvolvimento tecnológico de transporte e comunicação, teve como uma de suas consequências, o aumento de contatos entre culturas diversificadas e efeito de comunicação com o mundo, ao qual dá-se o nome de Globalização.

Neste contexto, podemos citar o antropólogo alemão Frederick Barth. Em sua obra *O Guru, o iniciador* (2000), ele se deparou com a permanência das diferenças entre grupos, num mesmo país e estado. Barth, então, procurou começar a desconstruir o conceito de sociedade em que se desconsideram relações de conflito e diferenças. Em suas pesquisas, definiu o conceito de grupo étnico. Analisou as estratégias de manutenção das particularidades dos valores culturais do mesmo, perante um movimento homogeneizante do processo de colonização e do imperialismo capitalista. Segue uma de suas observações:

Ao analisar o pluralismo cultural em algumas áreas do Oriente Médio, considerei esclarecedor pensar em termos de correntes (*streams*)⁵ de tradições culturais, cada uma delas exibindo uma agregação empírica de certos elementos e formando conjuntos de características coexistentes que tendem a persistir ao longo do tempo, ainda que na vida das populações locais e regionais várias dessas correntes possam misturar-se.⁶

A partir de algumas pesquisas como esta, houve a necessidade de rever os conceitos de sociedade e cultura, entendendo-se que a diferença e a diversidade são elementos inerentes a sociedade, ou a um grupo social e/ou étnico.

Assim, embora exista a noção universal de cultura como experiência humana, ela também foi percebida pelos antropólogos, em determinadas realidades, como diversificada no âmbito regional/local. A antropologia chega a conclusão de que a cultura tem como característica uma dinâmica própria que permite apresentar mudanças contínuas ao longo do tempo.

Para o antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini, assim como para Frederik Barth a definição de cultura no século XVIII e XIX, é insuficiente e tem, como consequência, uma análise que traduz uma certa equivalência entre as culturas. Para este autor, aquele conceito de cultura não conseguiu dar conta das desigualdades entre elas, ou principalmente de como as diferenças se transformaram em desigualdade, e que, ao definir todos os fazeres humanos

⁵BARTH, 1983-1984, apud BARTH, Frederik. *O Guru, o iniciador*. Bergen-Oslo/Boston, Universitets Forlaget/Little Brown, 2000.p. 123.

⁶Ibid, p.123.

como cultura, ela não dá conta da hierarquização desses fazeres e o peso distintivo que possuem dentro de uma determinada formação social.⁷

Canclini vai além e defende o termo cultura como:

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido.⁸

Para este autor, as relações sociais e sua estrutura, assim como a política de governo e a estrutura física da sociedade, são produtos, elementos e/ou meios de reprodução da cultura, portanto, devem ser levados em conta. Sua concepção amplamente política, aqui entendida como a ética de cada ser humano agir no mundo, faz a cultura ser mais específica ainda que a concepção idealista, que vê a cultura ligada apenas ao campo da religião, dos valores morais e das ideias. O autor recusa-se a separar os sentidos culturais e ideais, materiais e sociais, entende como uma só realidade pois,

Os processos ideais (de representação e reelaboração simbólica) remetem a estruturas mentais, a operações de reprodução ou transformação social, a práticas e instituições que, por mais que se ocupem da cultura, implicam uma certa materialidade. E não só isso: não existe produção de sentido que não esteja inserida em estruturas materiais.⁹

Canclini consegue visualizar uma ideia de cultura extremamente ampla, construída e estendida em épocas de globalização, durante o século XX. Para tanto, a partir dos anos 80, o conceito de cultura passou a ter o 'papel' político de reafirmar a diversidade cultural em oposição ao movimento da globalização política e econômica, fruto da ordem capitalista hegemônica que rege a ordem mundial atual, a qual tem como consequência uma

⁷CANCLINI, Nestor García. *As culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo, Edusp, 1983, p.27.

A conceituação de “formação social” ocupa um lugar de destaque nas reflexões de autores de inclinação marxista, ou de autores, que como Canclini, se valeram de determinadas conceituações marxistas. Definiremos aqui formação social como uma totalidade ou uma configuração do social, a partir das inter-relações estabelecidas pelos diferentes agentes formadores do social, a saber: as estruturas econômicas, ideológicas e jurídico-políticas.

⁸ CANCLINI, 1983, p.29.

⁹ CANCLINI, 1983, p.29.

“pasteurização cultural” global. Houve a necessidade da demarcação das identidades dos povos, para se diferenciarem da maçante homogeneização que vem com a globalização econômica. As diversas culturas demarcam seu campo. Os conceitos se modificam, já que a relação dos indivíduos com o espaço-tempo se modifica.

Assim, cultura e tudo o que a envolve (instituições, manifestações, hábitos, valores, ética, tradições, religiões, línguas, etc.), é um fator inerente a qualquer tipo de organização coletiva de modo de vida. É capaz de apresentar características relativamente fixas com grande poder de adaptação, já que apresenta mudanças no decorrer do tempo, ao passo que a mentalidade da época se modifica.

Vimos também que, numa sociedade, a diversidade cultural se apresenta na medida em que o homem social se comporta, no meio coletivo, em oposição ao outro, e que, portanto, conflitos e diferenças fazem parte dela. Num mesmo país encontramos grupos que tem modos de vida variados, sendo a pluralidade cada vez mais crescente diante do aumento da possibilidade de contato entre culturas, através do desenvolvimento dos meios de comunicação, onde o produto da troca de conhecimentos entre elas se sub-representa, quando $a+b = c$ e não $a+b = ab$. Assim como Barth defende:

Precisamos incorporar ao nosso modelo de produção da cultura uma visão dinâmica da experiência como resultado da interpretação de eventos por indivíduos, bem como uma visão dinâmica da criatividade como resultado da luta dos atores para vencer a resistência do mundo.¹⁰

Agora que já podemos contar com uma base bibliográfica sobre as mudanças do conceito de cultura, podemos aprofundar a discussão sobre o conceito de cultura popular, a seguir.

1.1.2 A Cultura do Popular

Cultura popular, assim como cultura, é um termo 'perigoso' de lidar dadas suas ambiguidades e diversas definições. Além disso, há ainda a dificuldade de definir-se 'popular'. Como é possível chegar a uma conclusão do que é cultura popular, se as duas palavras

¹⁰BARTH, 2000, p.129.

apresentam 'incômodos' quando se trata delas?

Assim como vimos em relação ao conceito de cultura, os românticos e iluministas se configuraram em defesas opostas quanto à abordagem no que diz respeito ao tema do 'popular'. Os iluministas valendo-se de concepções herdadas de períodos anteriores, viam na figura do povo uma realidade ambígua, pois, se por um lado ele significava a legitimação do governo civil nos ideais republicanos e o corpo da democracia, por outro representava uma ameaça a estabilidade política com seu ímpeto anárquico e desestabilizador. O programa iluminista deixava clara a sua contradição, no que tange a presença do povo no novo cenário político que iria surgir a partir do final do século XVIII.¹¹

Segundo Peter Burke, durante o surgimento dos Estados-Nação, movimento de unificação territorial na Europa, vários grupos étnicos viram-se obrigados a dividir o mesmo território físico e a mesma identidade nacional. Sob uma perspectiva política governamental, houve a necessidade de buscar identidades nacionais, as quais passavam, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, pelo resgate das tradições populares.¹²

O forte impulso de urbanização da sociedade europeia, dado pela Revolução Industrial, e a mentalidade da época fundamentada no Iluminismo, provocou a reação do autorreconhecimento das produções culturais do povo.

Essa visão política de cultura popular, durante a constituição dos Estados-Nação, tornou-se rapidamente aceita pelos setores cultos da sociedade europeia, os quais passaram a se interessar por coleções de poesia popular, contos populares e música popular, para que a assumissem como estratégia política de construção de uma identidade nacional. Para Burke, existiam três razões para que a emancipação de uma cultura popular nacional acontecesse em determinado contexto:¹³

Razões estéticas, que se referiam a uma insubordinação contra a procura das formas ideais, contra o desejo de refletir uma realidade ideal da arte culta e, portanto, a existência de uma tendência em valorizar as formas simples. Razões intelectuais, que tinham a ver com uma postura hostil para com o iluminismo, enquanto pensamento valorizador da razão em detrimento do sentimento e das emoções, além de um desprezo para com as regras clássicas da dramaturgia (na época, alguns autores se manifestaram apoiando o rompimento das unidades clássicas afirmando que elas eram por demais inibidoras da espontaneidade e da

¹¹BURKE, 2010, p. 25.

¹² Ibid, p. 25 e 26.

¹³BURKE,2010, p. 27 e 28.

imaginação). E por fim as razões políticas, que estavam ligadas as hostilidades contra a França, e seu iluminismo, alimentadas por países como a Alemanha e a Espanha.

Segundo o sociólogo jamaicano Stuart Hall, assim como Burke indica, foi durante o período histórico de transição entre o capitalismo agrário e o capitalismo industrial que se deu a organização do que é dito 'popular'. Mas Hall faz questão de ser detalhista, e indica os anos entre 1880 e 1920, o começo da organização da classe trabalhadora e da cultura dos trabalhadores e dos pobres¹⁴.

Hall observa três significados para definir 'popular': o sentido mercadológico, em que o significado de popular está ligado a ideia de massa, 'o grande público' que consome e aprecia. No entanto, Hall nega esta afirmação pelo fato de ela descartar a possibilidade da massa não ser produtora de cultura e “ignora as relações absolutamente essenciais do poder cultural – de dominação e subordinação – que é um aspecto intrínseco das relações culturais”¹⁵. O sentido antropológico, o qual considera a cultura popular ser todas as coisas que o 'povo' fez ou faz. Mas aqui seria difícil considerar o que não seria cultura popular, e por isso, segundo o autor, ela só pode ser usada nesse sentido a partir do momento em que cultura é considerada como tudo com o que o homem se relaciona para atuar e se entender como ser, é tudo aquilo que caracteriza seu modo específico de viver. Aqui desconsidera, então, qualquer sentido em relação a classificação do que seria cultura erudita com aquela que não é produzida pelo 'povo', pois até mesmo a ideia de 'povo' não existe.

O terceiro sentido, é o que o autor defende como o mais próximo entre as dificuldades de definição do termo. Aqui, o autor entende o povo como campo das transformações e mudanças sociais e visualiza uma relação dialética entre a cultura popular e a relações de trabalho. De acordo com ele, a classe dominante, como indicadora da cultura erudita, ao avaliar o que tem valor cultural ou não, determina a flexibilidade do termo e sentido de cultura popular, como reflexo do processo de oposição entre classes sociais e suas respectivas culturas.¹⁶

Para o autor, o que importa não são os objetos culturais, mas sim o 'estado de jogo'. “(...) o que conta é a luta de classes na cultura ou em torno dela.”¹⁷, ao assumir formas como corporações, distorções, resistências (guetos), negociações, recuperações dos produtos e

¹⁴HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 2003, p.250.

¹⁵ Ibid., p. 254.

¹⁶HALL,2003, p.253-258.

¹⁷Ibid, p. 258.

valores materiais e imateriais da sua cultura. De acordo com o sociólogo, os termos *classe* e *popular* estão intimamente e eternamente ligados.

Hall preocupa-se com o termo 'tradição' usado para qualificar o que seria cultura popular ou não, entre os cientistas sociais. Acredita que assim como a cultura, a cultura popular obedece a uma ordem influenciada pela mentalidade de sua época e acompanha sua revitalização e reconcepção através dos tempos. “Não há garantia intrínseca ao signo ou a forma cultural”.¹⁸

Autores como Hall, portanto, veem a cultura popular, como um tipo de produção coletiva, não individualizada, em que há a expressão dos anseios e desejos de toda classe trabalhadora.

Podemos entender a partir do que vimos até aqui, que há autores que defendem que os conceitos de cultura e cultura popular se confundem, partindo do ponto de vista que toda cultura é popular, já que é produzida pelas pessoas/povo, independente da classe. No entanto, há quem veja a necessidade de defini-la para que se mantenha a dicotomia com o conceito de cultura erudita, partindo da diferença entre classe social e formação artística.

Historicamente, a cultura popular pôde servir de elemento constituinte básico para a formação de uma unidade nacional, oferecendo a esta uma memória a ser compartilhada e símbolos capazes de produzir um eficiente nível de coesão social. Por outro ela também pôde ser um empecilho, no sentido de que a constituição do Estado-Nação, se consolidou se sobrepondo às unidades culturais existentes tentando homogeneizá-las, transformando-as em parte dessa nova estrutura nacional. Nesse sentido podemos perceber que a cultura popular serviu, contraditoriamente, como resistência cultural ao processo de unificação nacional. Seu conceito sempre girará em torno da dicotomia e relação social dialética entre popular/povo x erudito/nobre.

Hoje, assim como o conceito de cultura, para que se defendesse do movimento homogeneizante da cultura capitalista, à cultura popular foi agregada um sentido político a favor do respeito e incentivo à diversidade e à manutenção de bens culturais materiais e imateriais históricos, e, portanto, patrimoniais, como veremos mais a frente.

O fenômeno de globalização e expansão dos processos de trocas culturais, (seja por intuito comercial e lucrativo, seja por conhecimento e curiosidade) através das possibilidades tecnológicas como a da internet, fez a sociedade contemporânea entender a cultura popular

¹⁸Ibid., p.261.

como a cultura menos influenciada pela ordem mercadológica capitalista. Seria uma espécie de cultura 'espontânea' que surgiu há anos atrás e que tem o direito de manter-se. Atualmente, é vista como elemento da diversidade cultural e está incluída nas pautas de políticas públicas, conquistando um plano de política cultural direcionado, valorização e reconhecimento social através de títulos, prêmios e editais governamentais.¹⁹

A manifestação do Jaraguá se encaixa perfeitamente às questões de uma cultura popular. Foi criado e é 'vestido' pelas classes populares da cidade, historicamente reconstruído pela população, tendo uma relação antagônica com a classe nobre, e é uma manifestação resistente aos processos de desenvolvimento. Mantem suas características artesanais por ser feito de caveira de cavalo pintada, com espelhos nos olhos, e o manto de musgo costurado numa tela de mosquito (antigamente, no chitão).

O carnaval de Anchieta não é o mesmo se o (a) Jaraguá não sai. A confecção da fantasia de materiais específicos e ecologicamente tratados, (pois o musgo do manto é devolvido ao mangue), surgiu como uma ideia espontânea entre os moradores locais, mantida até os dias de hoje.

Dizem que na época de aldeia, o (a) Jaraguá era usado como folclore, uma espécie de figura mitológica que os jesuítas usavam para reprimir os índios através do medo, pois Jaraguá em tupi-guarani quer dizer 'bicho que pega'. Atualmente, apenas em Anchieta é possível encontrar o (a) Jaraguá, e só quem mora, morou ou passou o carnaval em Anchieta conhece o (a) Jaraguá, significando, para essas pessoas, um elemento identitário de caráter folclórico e popular. No Capítulo 3 veremos todos esses fatores sobre a figura do (a) Jaraguá mais detalhadamente.

Todos os conceitos trabalhados nessa monografia sofrem uma mudança de concepção ao longo do tempo. Isso acontece pois seus sentidos são construídos de acordo com as mudanças históricas da humanidade, e portanto, de acordo com o nível de complexidade das sociedades, das relações humanas e formação de sentidos, que se restabelecem num novo contexto e assim por diante. São conceitos muito recentes no meio acadêmico, e por isso é importante indicar o momento histórico e como era entendido determinado conceito em cada tempo. A seguir vamos acompanhar o processo histórico conceitual de identidade cultural.

¹⁹CUÉLLAR, Javier Pérez de (Org.). *Nossa Diversidade Criadora: Relatório da comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*, Campinas, SP : Papirus, Brasília: Unesco, 1997.

1.2 IDENTIDADE CULTURAL

A partir do momento que os cientistas sociais foram estudar as diferentes culturas, se depararam com a dificuldade de se inserir nos grupos e comunidades que se propunham analisar. O conceito de identidade nasceu durante pesquisas antropológicas e surgiu como um fator de reconhecimento entre integrantes de um mesmo grupo.

Frederik Barth, ao procurar definir grupos étnicos define-os como uma população que:

1. Em grande medida se autoperpetua do ponto de vista biológico;
2. Compartilha valores culturais fundamentais, realizados de modo patentemente unitário em determinadas formas culturais;
3. Constitui um campo de comunicação e interação;
4. *Tem um conjunto de membros que se identifiquem e são identificados por outros, como constituindo uma categoria que pode ser distinguida de outras categorias da mesma forma* [grifo nosso].²⁰

Para que um elemento cultural represente uma identidade cultural, ele deve ser, portanto, reconhecido pelos integrantes como pertencentes dessa ou daquela cultura, tendo significado e valor/identidade cultural para os mesmos. Assim, identidade cultural é concebida como significados/símbolos culturais particulares [*categorias*] de uma população ou de um grupo.

Segundo Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), a construção ou a classificação do que é ou não identidade cultural num grupo, geralmente, implica relações de poder, pois identidade é um significado que é gerado a partir da coletividade e, portanto, envolve a criação de um sentido de coesão específico entre os diversos integrantes de um grupo. É necessário, então, lidar com as diferenças entre eles, além com as de outros grupos.²¹

Barth acredita que “identidade surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social.”, mas que “a identificação é um mecanismo de limitada utilidade, uma vez que a identidade não seria uma soma de identificações, mas uma realidade gestáltica.”²² O antropólogo, ao falar de “realidade

²⁰BARTH, 2000, p. 27.

²¹HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, 2006, p. 20 e 21.

²²BARTH, 2000, p.31

gestáltica”, quer chamar atenção para países onde essas relações de poder e identidades refletem-se nas relações entre classes sociais, e acentuam-se no processo de globalização e aumento dos contatos interculturais.

Com o objetivo de adequar a discussão do preconceito étnico ao caso brasileiro de preconceito de classe, o antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira em *Identidade, Etnia e Estrutura Social* (1976), aponta casos da identidade indígena, em que ocorrem 'flutuações' de identidade. Assim, nos explica:

Na medida em que uma contradição de classes tem lugar, as etnias indígenas tendem a ocupar no sistema social incluso, portanto nacional, posições 'de classe': nas zonas rurais – e estamos fazendo referência expressa à realidade brasileira – tendem a ser identificadas com camponeses ou trabalhadores agrícolas; nas áreas urbanas, com operários ou trabalhadores braçais.²³

Essa característica maleável do uso de identidades é indicada pelo geógrafo brasileiro Milton Almeida dos Santos, em sua obra *O espaço do cidadão* (1987), como consequência das mudanças que ocorreram do modernismo ao pós-modernismo. Ele afirma que o sujeito pós-moderno perdeu o senso de continuidade histórica, importando o “aqui e agora”, descartando o passado e o futuro. Vivem-se todos os problemas do momento, do mundo atual, das guerras e das crises econômicas, mas fora do contexto histórico, sem uma visão historicista. O que importa é o momento, o hoje, o presente. Como a identidade está ligada a um passado, a uma história, esta passa a ser efêmera e passageira.

Nestor Garcia Canclini, em sua obra *Consumidores e Cidadãos* (1996), atribui este 'descaso' à “abertura da economia de cada país aos mercados globais”,²⁴ que levam à redução do papel das culturas, à diminuição da importância das tradições e das identidades nacionais. Esta situação o autor denomina de “interculturalidade”,²⁵ a qual não acontece somente através das diferenças entre culturas, como também pela aproximação e a transformação que ocorre entre os elementos das várias sociedades, fazendo com que hoje nossa identidade já não possa ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional.

²³OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Universidade Federal de Brasília, Livraria Pioneira Editora, 1976. p. 15.

²⁴CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2ª ed., 1996. p. 141-142.

²⁵Ibid, p.141.

Sobre este processo, Hall nos chama a atenção para o fenômeno da 'fragmentação'²⁶ das identidades nacionais, e como consequência a absorção homogênea de valores globais capitalistas. Assim, diferente da época dos Estados-Nação, o processo de construção de identidade pós-moderna é desterritorializado, não é fixo a um referencial nacional, havendo a não padronização de identidades e, portanto, uma multiplicação delas.

Canclini nos alerta que identidade como fator de identificação e pertencimento de uma cultura, abrange os valores, a ética e a moral que regem e caracterizam as ações culturais. E hoje, a partir da inserção da economia política global Neoliberalista, entende a prática do consumo como parte da “*racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade* [grifo do autor]”. “O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados”,²⁷ em que, a partir do ato de possuir, ou não, algum produto, se constrói um significado sociocultural entre as classes sociais e os indivíduos.

Compartilhando dessa ideia, Hall a justifica e acredita que a globalização tem como estratégia de poder sobre as sociedades, a criação do discurso da diferença como o fator identitário entre os povos. À diferença é atribuído um valor universal mercadológico, de maneira que há a inserção da ética econômica neoliberal através da prática do consumo, relacionando a compra do produto à valores socioculturais. Estes são produzidos de forma direcionada para sensibilizar a população (daí a 'homogeneização cultural') e aspectos culturais internacionais, universais.

No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Esse fenômeno é conhecido como “homogenização cultural”.

(...) A globalização (na forma de especialização flexível e de estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o “global” e o “local”.²⁸

Podemos dizer, então, que durante a formação histórica das sociedades as culturas e as identidades se encontraram e, através do contato, produziram novos conhecimentos, dando

²⁶HALL, 2006, p.12.

²⁷CANCLINI, 1996, p.56.

²⁸HALL, 2006, p.76-77.

lugar a novos significados e valores. A identidade, em si, não é estática, é cambiante e mutável, sofrendo modificações de acordo com o espaço/tempo/território e os processos de mudanças comportamentais de uma época. A globalização tem efeito catalisador dessas mudanças.

Por isso, no caso de Anchieta, é preciso ficar atento ao risco que corre sua identidade cultural, mediante ações empreendedoras de grande investimento multinacional. Existe a possibilidade do desaparecimento das identidades locais e a integração dos valores e identidades globais flexíveis e mutáveis ao sabor do mercado.

No entanto, podemos dizer que os moradores de Anchieta vivem numa sociedade globalizada sim, mas onde as igualdades convivem com as diferenças, a tradição e a cultura local. Os anchietenses, segundo Mattos (2006), tem a oportunidade de ver sua identidade cultural como uma forma de identidade coletiva, onde o partilhar signos e símbolos que são valores, padrão de comportamento, formas de viver e características culturais, ou, partilhar marcas das características da cultura de um grupo, tornam as pessoas semelhantes entre si e diferentes das outras.

Ladislau Dowbor defende, em sua obra *A Reprodução Social: propostas para uma gestão descentralizada* (1998), que a globalização não é geral. Assim como pude observar em Anchieta, é preciso levar em conta as atividades da comunidade e diferenciá-las das globais, como se percebe abaixo:

(...) desde de a casa onde moramos, a escola dos nossos filhos, o médico para a família, o local de trabalho, (...) trata-se das especificidades locais, e não globais. É preciso, neste sentido, distinguir entre os produtos globais, que indiscutivelmente hoje existem, como o automóvel, o computador e vários outros, e os outros níveis de atividade econômica e social.²⁹

A identidade cultural de Anchieta, assim como em vários outros pequenos municípios brasileiros, é um processo contínuo, mas está apoiada num passado com um ideal coletivo projetado. Ela se fixa como uma construção social estabelecida e faz os indivíduos se sentirem mais próximos e semelhantes.

²⁹ DOWBOR, Ladislau. *A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998, p.32.

No próximo subcapítulo iremos acompanhar a definição e o uso político da categoria de patrimônio cultural, a qual anda lado a lado com o de identidade cultural em debates antropológicos e políticos.

1.3 DE PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL AO IMATERIAL³⁰

Patrimônio é todo bem que tenha valor social, cultural, econômico, científico. No caso do patrimônio cultural, seu valor é construído coletivamente, ao fazer menção à cultura de um povo, ao seu passado histórico, ao modo de vida presente e ao que será passado às gerações vindouras. Por isso, constitui elemento relevante para a permanência e a identidade cultural de uma comunidade ou sociedade.

No Brasil, em 1937, a promulgação do Decreto-Lei nº 25/37, o art. 1º limita a incidência normativa do conceito de patrimônio cultural, considerando que: “constitui patrimônio cultural e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.³¹

O Decreto também organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e instituiu o instrumento do tombamento. Este significava a certificação, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de um título que determinava as técnicas de manuseio e manutenção daquele espaço/obra. A partir da inclusão do patrimônio de bens imateriais, outras formas de reconhecimento se deram, como prêmios e proclamações internacionais.

O conceito de patrimônio imaterial é reconhecido há pouquíssimo tempo e teve início na década de 60, aparecendo pela primeira vez, de forma muito introdutória na Carta de Veneza de 1964, um documento oficial internacional. Nela, há o questionamento da relevância em valorizar não só as grandes obras históricas da civilização, mas também as obras menores

³⁰A maior parte desse capítulo foi elaborada com base nas informações do Relatório da Comissão Mundial de Desenvolvimento *Nossa Diversidade Criadora*, UNESCO -Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – organizado por Javier Pérez de Cuéllar, Papirus, 1997.

³¹Informação consultada na página virtual <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/109250/decreto-lei-25-37>, Acesso 28/03/2011.

que foram adquirindo significado cultural ao decorrer do tempo. A partir daí, deu-se o desencadeamento de encontros internacionais, realizados principalmente em países do terceiro mundo, os quais foram responsáveis pela ampliação do conceito de patrimônio cultural.

A favor da desconstrução do conceito clássico europeu de patrimônio, cuja materialidade recaía aos institutos de proteção e só se levavam em conta bens históricos com valores economicamente apreciáveis, em 1972 a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) realizou a Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. A partir da pressão exercida por diversos países a este documento, a UNESCO e órgãos ligados a ela viram-se forçados a aprofundar os estudos, os debates e as recomendações sobre reconhecimento da diversidade cultural e, principalmente, das culturas tradicionais e populares.

Finalmente, em 1989, é elaborado pela UNESCO, um documento chamado “Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular”, o qual fundamenta até hoje as ações de preservação do que, mais recentemente, passou a denominar-se patrimônio cultural imaterial ou intangível.

As orientações deste seguem no sentido de incentivar encontros internacionais cooperativos para elaboração de instrumentos e ações a favor da manutenção e reconhecimento de patrimônios culturais imateriais, para salvaguardar aspectos particulares do modo de vida popular, como seus conhecimentos, crenças e técnicas tradicionais de produção.

Atualmente, muitos países defendem uma política cultural de proteção e preservação de manifestações populares. Na Constituição Brasileira de 1988, após discussões internacionais do conceito de patrimônio e sua ampliação, lista no art. 216, II, os bens culturais que melhor representam e garantem a dinâmica cultural de um povo são *os modos de criar, viver e fazer*.³²

Desde 2001, a UNESCO realiza uma ação bienal chamada *Proclamação das Obras Primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade*, onde conta com um júri internacional que seleciona importantes expressões e espaços de importância incontestável dentre aqueles bens candidatados, propostos pelos países participantes.

O patrimônio, seja material ou imaterial, representa uma importante fonte de pesquisa e preservação cultural da história da sociedade na construção da civilização. Assim, partindo

³²BRASIL. Constituição Brasileira 1988, Decreto 25/37, art. 216, § II. Disponível em: < <http://www.alep.pr.gov.br/system/files/corpo/Con1988br.pdf> >. Acesso em: 28 de Março de 2011.

desse conceito atualmente estendido, não fica difícil perceber que o(a) Jaraguá constitui, como cultura popular, um patrimônio cultural imaterial pela memória do município capixaba de Anchieta.

Sobre políticas públicas e programas governamentais brasileiros direcionados para culturas tradicionais e populares, veremos no Capítulo 4 dessa monografia. Mas agora que já sabemos as questões que permeiam os conceitos chaves, partiremos para o processo histórico da formação da cidade de Anchieta, podendo transmitir melhor o imaginário cultural que 'preenche' essa cidade, e como o Jaraguá faz parte disso, até os dias de hoje.

2. UM HISTÓRICO BREVE DA CIDADE DE ANCHIETA-ES

2.1 DE ALDEIA À VILA

Segundo consta no *O Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*,³³ de autoria de Saint-Adolphe, no verbete intitulado 'Vilas da Província do Espírito Santo', a fundação da aldeia de Reritiba, a atual cidade de Anchieta, foi nos anos de 1565 e 1567. No entanto, o processo oficial de demarcação da aldeia Reriritiba, tem a data em 01 de Dezembro de 1584, obtendo assim, a definição oficial do patrimônio das terras dos índios desta aldeia de Reriritiba.³⁴ A confusão de datas da fundação da aldeia Reriritiba e a dificuldade em defini-la é informada em todas as fontes de pesquisa que tivemos acesso. Os historiadores capixabas Luiz Guilherme Santos Neves e Renato José Costa Pacheco, e a pesquisadora e ex-professora anchietense Emiliana Gonçalves confirmam abaixo:

Não se sabe com certeza a data da fundação da aldeia Reritiba, nem também quem foi seu verdadeiro fundador. Mas, segundo a tradição, a aldeia teria sido fundada pelo padre José de Anchieta. Os anos dessa fundação são também incertos: fala-se em 1565, 1567 e 1579, mas sempre dia 15 de Agosto desses anos.³⁵

[...] divergências essas encontradas nas obras de ilustres escritores como Pizzaro, Alberto Lamego, Saint-Hilaire, José Marcelino, Maria Stella de Novaes, Pe. Viotti, Simão Vasconcelos, José Teixeira de Oliveira [...].³⁶

Mesmo não sendo o objetivo da monografia aqui presente, é curioso notar que a história de Anchieta, desde o princípio, mesmo recorrendo-se a fontes documentais, apresenta incerteza nos dados históricos, no caso, em relação ao ano da fundação de sua aldeia.

³³ Saint-Adolphe, *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*, 1845, folhas 140 e 141 apud GONÇALVES, 1996, p.19.

³⁴ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, 1937, p.39 apud GONÇALVES, 1996, p.18.

³⁵ NEVES, Luiz Guilherme Santos, PACHECO, Renato José Costa, FERREIRA, Renata Diniz, MURARI, Jonas Braz. *História, Geografia e Organização Social e política do Município de Anchieta*. Vitória, Brasília Editora, 1995, p. 18.

³⁶ GONÇALVES, Emiliana. *Anchieta Cidade dos Sonhos*. Vitória, 1996, *Introdução*, p. VII.

Apresenta, também, três registros do seu nome, as quais são: aldeia Reritiba, Rerigtiba e/ou Iiritiba. Consta que todas as três nomenclaturas significam em tupi-guarani 'lugar de muitas ostras'.³⁷

Anchieta surgiu como aldeia de índios que sofreu forte processo de catequização. A base da população étnica de Anchieta, até os primeiros trezentos anos de sua história, era quase que exclusivamente indígena. Assim, seu processo de formação histórica e cultural foi marcado pelas consequências de uma aldeia indígena “pacificada”.

Os principais padres responsáveis pela catequização dos índios da região da atual cidade de Anchieta foram Manoel da Nóbrega e José de Anchieta. O aprendizado da língua tupi-guarani foi necessário para comunicação, manutenção da ordem e contenção das revoltas. Para manter os índios aldeados, os padres varavam as florestas e o manguezal para trazê-los de volta.³⁸ Essa base cultural indígena se faz sentir até os dias de hoje em muitos nomes geográficos, como as praias e bairros de Ubu, Iriri e Jabaquara.

Só era considerada aldeia o lugar que tivesse morada definitiva dos padres. Ao ser caracterizado como local de visitação jesuítica foi ali construída, ao mando do Padre José de Anchieta, uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Assunção, em 1579 (Ver Anexo n.1). Ao lado se localizava (e se localiza) o colégio dos padres (residência dos visitantes). Esse conjunto arquitetônico, Civil e Religioso, foi tombado pelo IPHAN em 1943, tornando-se um patrimônio que pertence à Nação desde então.³⁹

Com o aumento da população, em 1755 a aldeia Reritiba é emancipada à vila, chamando-se Vila Benevente.⁴⁰ O nome de Benevente, segundo a História da Companhia de Jesus, é em homenagem a uma vila de Portugal que tem esta mesma denominação.⁴¹

A aldeia de Reritiba, Rerigtiba ou Iiritiba, foi ganhando determinada importância política e econômica. Além dos fatores naturais que favoreciam o desenvolvimento das atividades comerciais pela presença de um porto nas margens do rio Benevente, contavam com a mão de obra indígena em processo de catequização e, portanto, considerada uma aldeia de estabilização da exploração colonial bem sucedida.

Por volta de metade do século XVIII, mais precisamente no ano de 1759, Marquês de

³⁷NEVES; PACHECO, 1995, p. 18. GONÇALVES, 1996, *Introdução*, p. IX.

³⁸NEVES; PACHECO, 1995, p. 17-18.

³⁹Conforme registrado no Livro Histórico (IPHAN) Volume: 01 Folha: 037 Inscrição: 222, Data: 21-09-1943, apud MATTOS, 2006, p. 37.

⁴⁰Por alvará com força da Lei de 08.05.1755 cumprido por Francisco de Salles Ribeiro, ouvidos da Comarca Civil da Capitania, em 13.01.1761, apud GONÇALVES, 1996, p.25.

⁴¹GONÇALVES, 1996, p. 25-26.

Pombal assumiu o cargo de secretário de Estado do Reino em Portugal e, para ele, os padres da Companhia de Jesus eram considerados pessoas não gratas.⁴² Ele conseguiu que D. José, rei de Portugal, expulsasse tanto de Portugal como de todas as províncias ultramarinas, os jesuítas nelas existentes. Desta maneira, também aqui no Espírito Santo os padres foram presos e enviados pela Libúrnica com destino ao Rio de Janeiro, de onde mais tarde embarcariam para o exílio. Assim como explica Neves e Pacheco a seguir:

Quando se deu a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, a igreja de nossa Senhora da Assunção tornou-se a matriz da vila Benevente. Os cômodos da residência onde tinham morado os padres passaram a servir de Câmara Municipal, Cadeia Pública, Fórum e aposentos do juiz da vila.⁴³

Em 1795 a Vila Benevente tornou-se cabeça de Comarca de uma Paróquia independente. Em seus tempos de entreposto comercial, teve a história marcada por intensa atividade portuária, principalmente de exportação e comercialização de açúcar, e a pesca também era uma atividade comercial destacada. Entretanto, Anchieta não foi só local de troca de mercadorias, tais atividades também atraíam e propiciaram as trocas culturais de forma intensa e diversificada.

2.2 A CIDADE DE ANCHIETA HOJE

A cidade de Anchieta não se desenvolveu até a segunda metade do século XX (Ver Anexo n.2), apesar de antiga e contar com um processo histórico colonial relevante. A construção da BR 101, que inicialmente desviou o local da circulação de automóveis de grande porte e também das rotas turísticas de viagem, ajudou a manter um pouco da privacidade de Anchieta. A cultura local conseguiu se manter, por muitos anos, no estilo de “vida de pescador”, a qual condizia com a demanda de sua realidade.

Nos anos 70, houve a construção da Samarco Minerações Ltda. no bairro Ponta de Ubu, e de um porto para exportação de pelotas de minério, localizado na praia do Além. A

⁴²NEVES; PACHECO, 1996, p.23.

⁴³Ibid, p.23.

população, conformada com a ausência de investimentos da parte governamental, para formação profissional e prestação de serviços públicos básicos, (como sistema de tratamento de esgoto, transporte escolar, unidades interioranas de postos de saúde), ficou vulnerável diante do impacto estrutural consequente da instalação da mineradora, transformando-se em mão de obra.

Segundo Sônia Mattos, com a implantação da Siderúrgica Samarco e a construção do Porto de Ubu, grande parte dos trabalhadores que vieram para suas construções se fixou na cidade, e além do crescimento do turismo predatório, trouxe, também, como consequência, o desvio das atividades pesqueira e agrícolas que eram as principais fontes de renda e que formava a identidade e cultura da comunidade local. Sônia Mattos afirma:

Anchieta passou a viver outros tempos, o que vive hoje. Esse tempo da contemporaneidade tem sido um tempo marcado pela aceleração do crescimento urbano e por mais velamento de memória da cidade. [...] Além do mais, uma das maiores fontes de recursos da cidade que estava ligada ao sistema sociocultural da atividade pesqueira perde a sua importância central. A atividade pesqueira passou a ser explorada de forma capitalista, e os pescadores artesanais ficaram, praticamente, impossibilitados de desenvolver suas atividades.⁴⁴

Do final do século XX para o começo do XXI, as demandas turísticas de Anchieta cresceram de forma considerável. Atualmente, fora a mineradora, a maior parte da população da cidade trabalha na prefeitura ou sobrevive do turismo, ou no caso das comunidades do interior, “vive da roça”.

Atualmente a cidade de Anchieta se aproxima da segunda “onda” de desenvolvimento econômico e político. Agora o município capixaba conta, também, com a Unidade de Tratamento de Gás (UTG) Sul Capixaba, instalada pela empresa Petrobras,. Esta se constitui como base de auxílio e carregamento, atendendo as bacias petrolíferas do Espírito Santo, Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, e Santos, em São Paulo (Ver Anexo n.3).

Respalhada pelo Plano Governamental de Desenvolvimento Sul Capixaba 2025, o qual tem o objetivo de criar centralidades nas diferentes regiões do Estado, e auxílio de grandes investimentos multinacionais, a UTG faz parte do projeto de expansão industrial proposto pelas empresas da Samarco, Petrobras e Vale do Rio Doce. Esta expansão abrange os territórios das comunidades interioranas de Chapada do Ar e Monteiro (Ver Anexo n.4),

⁴⁴MATTOS, 2006, p. 71-72.

localizadas no município de Anchieta. Este fato força a migração de algumas dessas famílias que vivem da pesca e do mangue, algo que futuramente descaracterizará o local.

Existe, também, a questão da construção do segundo porto, agora da Petrobras, na praia do Além. Este prejudicará a formação de ondas indicadas para prática do esporte *surf* e destruirá paredes de corais que a praia possui, importantes para alimentação de várias espécies marinhas que usufruem dessa diversidade.

Em contrapartida, a prefeitura, atualmente beneficiada por royalties, realizou investimentos na cidade de médio e pequeno porte, como um novo colégio estadual, um Ginásio Olímpico, novos Postos de Saúde da Família, uma reforma no Hospital do MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo)⁴⁵ e novas creches. O governo municipal tem como carro-chefe de qualidade em serviço público, o setor da saúde e a aplicação do programa do Orçamento Participativo em todas as comunidades que ficam no território de seu município.

A política do governo municipal diz ter a intenção de amenizar o impacto do desenvolvimento econômico na cultura local, mas ao mesmo tempo não conta com uma administração pública especializada. Com uma cultura relativamente desconhecida e não valorizada, ficando a população, na maioria das vezes, a mercê da economia turística e das intervenções externas das grandes empresas de petróleo e mineração, Mattos (2006) mostra sua preocupação com uma nova descaracterização da cultura local e as consequências que certamente trarão à Anchieta, a seguir:

Anchieta é hoje, principalmente uma cidade marcada por sucessivos processos de apagamento, esquecimento, ocultamento, destruição e de silêncio da pluralidade de culturas, identidades, memórias e tradições que nela estão presentes. Isso tem implicações históricas e políticas sérias. Esse é o problema.⁴⁶

Esta nova realidade que se aponta com a reestruturação territorial de Anchieta, traz o risco de fortes impactos na cultura local. Impactos em sua cultura em sua identidade, na subjetividade desta comunidade.

Agora que já falamos dos 'perigos' que a cultura local de Anchieta corre, no capítulo

⁴⁵Esta reforma se deu como pré-condição da Prefeitura de Anchieta como contrapartida pela exploração territorial da empresa Mineradora Samarco Ltda. no município.

⁴⁶MATTOS, 2006, p.33.

seguinte, acompanho, de acordo com os dados coletados durante o trabalho de campo e pesquisa específica, as transformações no modo de organização da prática do(a) Jaraguá, até as últimas décadas, e indico possíveis referências socioculturais que serviram para construção de sua identidade.

3. 'DESVENDANDO' A IDENTIDADE DO (A) JARAGUÁ

Todo esse processo histórico descrito no capítulo anterior, teve como consequência os vários cruzamentos culturais que constituem Anchieta hoje. A identidade cultural, social ou coletiva de Anchieta foi e é construída, a partir de encontros de identidades culturais diferentes, das quais citei algumas. Essas marcas são constantemente modeladas, pois vão sendo adaptadas à novos valores que se tornam significativos para os grupos que nela habitam.

Em Anchieta, quando nos deparamos com um “nativo”, percebemos a presença de sincretismo entre índios e negros, usados como mão de obra de trabalho escravo na época de aldeia e vila. Ainda durante este período, houve a vinda de imigrantes italianos que até hoje, através de seus descendentes, constituem a maioria em algumas comunidades como a de Alto Pongal no interior do município (Ver Anexo n.4).

A necessidade de atenção para a construção dos processos identitários se faz presente porque, mesmo sendo fruto de processos tensos, estes unem e aproximam as pessoas. É a identidade cultural que possibilita com que a comunidades e grupos se sintam parte do mundo em que vivem, uma vez que os potencializa a perceber as semelhanças e as diferenças entre eles, e a diferenciarem-se de outros grupos e comunidades. Na citação abaixo, a pesquisadora capixaba Sônia Missagia de Mattos, reafirma a riqueza da diversidade cultural de Anchieta como algo que precisa ser valorizado:

A rica história do município, cuja origem começou com a aldeia Reritiba na década de 1560, foi construída ao longo do tempo por jesuítas, portugueses, índios, negros, e italianos, dentre outras etnias, produzindo uma grande diversidade de manifestações que compõem um valioso legado.⁴⁷

Durante o século XX e XXI, muitos historiadores, arqueologistas e escavadores vieram para Anchieta com a finalidade de realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre a cidade. Segundo José Luiz, funcionário da Secretaria de Agricultura, Pesca e Abastecimento

⁴⁷MATTOS, 2006, p.77.

e representante oficial da manifestação atualmente, os pesquisadores, a partir do acesso às anotações escritas no diário dos jesuítas, afirmaram que o (a) Jaraguá seria uma “figura mitológica, produzida pelos jesuítas, com intuito da catequese, o ensinamento da arte, da agricultura e de dificultar as guerras”. Também relatou que em tupi-guarani Jaraguá quer dizer ‘bicho que pega’.⁴⁸ No entanto, entramos em contato com algum dos pesquisadores que o José Luiz indicou, e o único que nos retornou disse que essas afirmações são incertas e que não havia muitas informações esclarecedoras sobre o (a) Jaraguá.

Para investigar através da memória popular a história que percorre o personagem do (a) Jaraguá, durante o trabalho de campo, percebemos que seria necessário falar de outras cerimônias culturais que ocorrem na cidade de Anchieta. Ao analisar a memória dos entrevistados, conseguimos identificar como o (a) Jaraguá se manifestava antes de começar a sair apenas no carnaval, e como tudo se misturava num período de festas tradicionais que acontecem durante os meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Meses que aglomeram as datas do nascimento de Cristo (sagrado), os dias de São Bendito e São Sebastião, até o Carnaval (popular).

As festas tradicionais, assim como na maioria das cidades brasileiras, são principalmente de cunho religioso e do sagrado popular. Durante o trabalho de campo, observamos que em Anchieta, a Festa de São Benedito, a Folia de Reis ou Reisados e, finalmente, a manifestação do (a) Jaraguá estão historicamente relacionados.

Nos subitens a seguir veremos como se dá a 'costura' da relação entre essas três manifestações culturais e em que momento o (a) Jaraguá 'surge' entre as memórias dos entrevistados.

3.1 A FESTA DE SÃO BENEDITO

A Festa de São Benedito é toda construída baseada em uma história verídica relativa ao naufrágio de um navio negreiro na praia Grande, praia do município de Fundão, litoral norte do estado do Espírito Santo. Esses negros, ao sobreviverem do naufrágio, fizeram uma promessa a um santo preto, que mais tarde identificou-se como o São Benedito. A promessa

⁴⁸José Luiz, entrevista concedida dia 24 de Abril de 2010. Anchieta, E.S.

era a de fincar o Mastro em nome do santo que salvou a vida dos africanos, ascendentes dos negros que vivem hoje no estado do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.⁴⁹ Durante a festa de Fincada e depois de Retirada do Mastro, a música tocada é o congo.

Em Anchieta, existem duas bandas: a do Congo Sol e Lua, fundado na sede da cidade, e a do Congo Força da Raça, da comunidade de São Mateus (Ver Anexo n.4). Mas, durante o trabalho de campo descobrimos um dado interessante.

De acordo com a entrevista concedida pelo pescador Z.P, integrante do Congo Sol e Lua, a manifestação do congo em Anchieta diferencia-se dos demais grupos capixabas ao apresentar, na estrutura de suas cantigas, características do 'Jongo de Ponta'. Ele conta que o jongo traz em sua música “os pontos”, ou seja, estrofes de 'pergunta resposta', quando o integrante de um dos grupos canta provocando o integrante do outro, que tem a vez de cantar e assim por diante. Afirma também, que em relação a matriz percussiva das 'batucadas' e os tambores pregados com pregos de madeira, de forma artesanal até hoje, chamam muita atenção de historiadores do estado por serem caracterizados como as batidas de origem mais próximas da base africana.⁵⁰

O Ritual da Cortada e preparação do Mastro, para os dois grupos, é feito com um mês de antecedência na comunidade afro descendente de São Mateus, no dia 25 de Novembro. O dia da fincada do Mastro é dia 27 de Dezembro, e a retirada do Mastro é dia 20 de Janeiro. Até hoje não houve grandes mudanças dos rituais e nem das datas comemorativas. Abaixo, memórias de D. Mulata, Tia Iraci e Tia Dina, personalidades populares da cidade, sobre a festa tradicional, já apontando para o preconceito que sofriam por participarem da festa:

O Mastro era carregado deitado. A Bandeira de São Benedito que ia presa a ele, ia cheia de doces. Quando chegava na hora da fincada do Mastro, eles abriram a Bandeira e distribuíam os doces para as crianças. Era cocada branca... cocada preta... carapito de mamão... e as balas Samburica. A molecada toda corria para pegar os doces. Aí os tambores rufavam forte. Era a hora da subida do Mastro, na praça da Matriz. “Era um momento de muita devoção. De muito respeito. Mas, tinha gente que zombava e que dizia: lá vem os nêgo com os cachaceiros atrás.”⁵¹

⁴⁹NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Mastros, bandeira e Barcos na Festa do Povo*. Artigo no site <www.horadobrasil.net>, 2006. Disponível em: <http://www.horadobrasil.net/index.php?option=com_events&task=view_detail&agid=32&year=2006&month=12&day=08&Itemid=37>. Acesso em: 22/02/2011.

⁵⁰ Z.P, entrevista concedida dia 27 de Janeiro de 2011. Anchieta, E.S.

⁵¹ Aqui estão entrelaçadas memórias de Tia Dina, Tia Iraci e D. Mulata, apud MATTOS, 2006, p. 29.

A seguir vamos falar sobre a Folia de Reis que acontece logo depois da festa de São Benedito, a partir do dia 06 de janeiro. Como já sabemos, Anchieta é uma cidade pequena e a chance de as mesmas pessoas que se envolvem com uma festa se envolverem em outra é alta. É seguindo esse fator de ligação que o (a) Jaraguá é “desvendado”.

3.2 A FESTA DE FOLIA DE REIS E O ENCONTRO COM A PRIMEIRA MEMÓRIA VIVA DO (A) JARAGUÁ

Depois da Fincada no dia 27 de Dezembro, dia 06 de Janeiro começava outra festa que faz parte do ciclo de Natal, a Folia de Reis.

Na cultura popular/folclórica brasileira, a folia é comemorada por grupos que visitam as casas da sua comunidade, tocando músicas alegres ao “Louvor do Reis” (os três Reis Magos- Malchior, Baltasar e Gaspar) e ao nascimento de Cristo. Trata-se de uma tradição proveniente da Europa que ganhou força especialmente no século XIX e mantém-se viva em muitas regiões no país, sobretudo nas pequenas cidade de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Rio de Janeiro entre outros.

Os grupos de Folia de Reis são, geralmente, compostos por músicos tocando instrumentos, em sua maioria de confecção caseira e artesanal, como tambores, reco-reco, flauta, rabeca, viola caipira, acordeão ou sanfona e gaita ou pé-de-bode. Há também dançarinos, palhaços da corte e outras figuras folclóricas devidamente caracterizadas segundo as lendas e tradições locais.⁵²

A maioria das canções é sobre temas religiosos, com exceção daquelas tocadas nas tradicionais paradas para jantares, almoços ou repouso dos foliões, onde acontecem animadas festas com cantorias e danças típicas regionais. Contudo, ao contrário dos Reis da tradição europeia, o propósito da folia não é o de levar presentes, mas de recebê-los do dono da casa para finalidades filantrópicas, exceto, obviamente, as fartas mesas de jantares e as bebidas que são oferecidas aos foliões.

⁵²Informações gerais sobre a festa de Folia de Reis consultadas na página virtual <http://pt.wikipedia.org/wiki/Folia_de_reis>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2011.

Em Anchieta não é diferente. É claro que é necessário levarmos em conta os aspectos locais/regionais que a festa católica popular agrega. Emiliana Gonçalves explica a Folia de Reis de Anchieta, contando suas memórias pessoais:

Em Janeiro depois das festas de ano novo, ceias, fogos, etc.; vinha de 6 a 10 daquele mês, as Festas dos Santos Reis. Cantadas em várias vozes e até a requinte (uma voz agudíssima). As casas visitadas convidavam a turma dos Reis, que era esperada de porta fechada até que terminasse de cantar o *Reisado*.⁵³ Os donos da casa esperavam todo o pessoal com doces e licores. Era uma alegria geral. A visita se fazia em três ou quatro casas e sempre terminava num pequeno baile.⁵⁴

Mas foi entrevistando D.L e S.R, um casal de anciãos, nascidos e criados em São Mateus, que descobri que o (a) Jaraguá fazia parte da festa do Reisado. 'Seu' Rubens disse ter 'sido' Jaraguá durante anos. Contava-me suas 'saídas' muito alegre de lembrar-se daqueles tempos. Admirava-se ao dizer que entrava na casa das pessoas e elas se escondiam de medo. Cantava logo em seguida:

Lá vem, lá vem
Lá vem a Jaraguá
Corpo de homem e cabeça de animá.⁵⁵

D.L, atual moradora da sede de Anchieta, fala sobre o Reisado na sua comunidade de origem e a presença do (a) Jaraguá no evento:

O instrumento que puxava era a sanfona. Eu e S.V 'começava' o canto. A gente chegava pedia licença para o dono da casa deixar a gente entrar. Depois pedia para entrar o Jaraguá e todo mundo corria. (risos) (...). Comia e bebia muito. Era muita festa, muito animado! Tinha a Mãe Maria, era um homem vestido de mulher (risos). Tinha 'sábado gordo' e 'sábado magro'.⁵⁶

⁵³Durante o trabalho de campo constatamos que é assim que chamam a festa de Folia de Reis em Anchieta, E.S.

⁵⁴GONÇALVES, 1996, p.33.

⁵⁵S.R, entrevista concedida no dia 27 de Janeiro de 2011. Anchieta, E.S.

⁵⁶D.L, quando se refere a 'sábado gordo' e 'sábado magro', quer dizer sábado sim e sábado não. Entrevista concedida dia 27 de Janeiro de 2011. Anchieta, E.S.

É importante dizer aqui, que D.L e S.R, também faziam parte do ‘Tambor’,⁵⁷ a Festa de São Benedito. Esta festa começa no dia 27 de Dezembro, antes da Folia de Reis, e termina junto, no dia de São Sebastião, 20 de Janeiro. Como a comunidade é muito pequena, as mesmas pessoas que faziam parte de uma festa, também faziam da outra.

H.A, do Congo Sol e Lua, de Anchieta, foi quem me apresentou o casal de idosos mais importante da pesquisa de campo. Ele disse: “É como se o (a) Jaraguá fosse o bobo da corte do Reisado católico tradicional”.⁵⁸

No entanto, ao procurarmos o atual grupo de Folia de Reis da cidade e perguntar sobre a relação da festa de Folia de Reis e a possível participação do (a) Jaraguá no passado, a integrante D.Z, não entendeu por que estávamos perguntando isso, afirmando que não via relação nenhuma com as duas manifestações em questão.⁵⁹

D.P, também integrante do Reisado de Anchieta, que me esclareceu um dado relevante quando perguntávamos o porquê da relação do (a) Jaraguá com o Reisado não ter continuado, e ela nos disse o seguinte:

O Jaraguá fazia parte do reisado em São Mateus, aqui em Anchieta já não faz mais parte, por quê aqui as pessoas do Reisado são mais ligados a igreja. (...) O ritmo do Reisado de São Mateus é diferente do daqui. Lá é mais misturado com o Tambor. Aqui é mais lento.⁶⁰

A partir dessa informação pudemos identificar que a proximidade física e territorial da sede da cidade de Anchieta e da comunidade de São Mateus (levando em consideração as bases culturais 'absorvidas', católica e afro descendente, respectivamente) pode representar um fator relevante para a manutenção da relação entre as duas cerimônias: antigamente os dois locais somavam suas identidades culturais, e hoje se organizam e constroem suas identidades de maneira diferenciada, tanto que a maior parte da população anchietense não identifica ou não reconhece o (a) Jaraguá no Reisado.

⁵⁷Durante o trabalho de campo constatamos que a Festa de São Benedito também é chamada de ‘Tambor’ principalmente pelos moradores da comunidade de São Mateus.

⁵⁸H.A, entrevista concedida dia 27 de Janeiro de 2011. Anchieta, E.S.

⁵⁹ D.Z, entrevista concedida dia 31 de Janeiro de 2011. Anchieta, E.S.

⁶⁰D.P, entrevista concedida dia 31 de janeiro de 2011. Anchieta, E.S.

No entanto, hoje, S.R e D.L não fazem parte do Reisado e nem moram mais na comunidade de São Mateus. Para a pesquisa, eles representam a existência de pistas 'vivas' sobre a construção da identidade do (a) Jaraguá em tempos em que seu significado simbólico ainda era ligado à festa de Folia de Reis, sendo a memória mais antiga que identificamos do personagem folclórico em questão.

Nesse trecho, o texto memorial de Gonçalves se cruza com os relatos de D.L, apontando o (a) Jaraguá no Reisado:

De meados de Janeiro até seu final vinham os festejos da 'Jaraguá'. O acompanhamento da festa era feito por cavaquinho, violão, pandeiro e gaita. Sempre tinha grande acompanhamento. Todos cantavam batendo palmas:

Vou chamar meu boi Estrela
Pra ele apresentar
Trazendo um bichinho novo
Com o nome Jaraguá.

Entrando na roda as Jaraguás, que sempre eram em número de três ou quatro, vestidas com uma capa comprida feita de estopa encoberta de musgos tirados das árvores do mangue. A cabeça sempre feita com caveiras de cabeça de burro ou de cavalo. E a turma cantava batendo palmas:

Ê vem, ê vem Jaraguá
Corpo de gente, cabeça de animá
Ê vem, ê vem Jaraguá
Bichinho bunitinho que faz admirá.⁶¹

Em São Mateus, D.L conta que teve época que o (a) Jaraguá saia sozinho (a). Ia até as datas do Carnaval, no começo do mês de Fevereiro, para entrar e assustar as pessoas dentro de suas próprias casas. Segundo D.L e S.R, o (a) Jaraguá era brincadeira, mas depois de bastante beber, chegavam a morder de verdade.⁶²

Através da leitura dos cantos do Reisado de Anchieta na obra de Gonçalves, podemos perceber que o (a) Jaraguá começa a chamar mais atenção do que a Festa do Reisado. Começa a se destacar, mas mantém os instrumentos de cantoria e a presença do Boi Bumbá ou Boi Estrela, como reafirma Mattos abaixo:

⁶¹GONÇALVES, 1996, p. 48.

⁶²S.R, entrevista concedida dia 27 de Janeiro de 2011. Anchieta, ES.

Apesar de esta celebração estar adormecida já há alguns anos, ela é mantida viva nas memórias das pessoas do lugar. Por desejo daquela população, a festa de Reis está, hoje, em vias de ser reativada. Nela estão presentes elementos significativos para a cultura local, como os Reis Magos e o Menino Jesus, além deles, e dentre outros, há ainda a Jaraguá, a Alma, o Pai João, a Mãe Maria, o Pai Zé, o Boi Bumbá.⁶³

A seguir, José Luiz nos conta como surgiu a saída do grupo do (a) Jaraguá em época de Carnaval, da maneira que a manifestação acontece até hoje.

3.3 O CARNAVAL E O (A) JARAGUÁ

No calendário católico a Festa de Folia de Reis fecha o Ciclo de Natal. No começo do mês de Fevereiro, acontece o Carnaval como festa de 'despedida' da carne ao representa uma fase de transição, já que, por sua vez, anuncia os três últimos dias de 'folia' que antecedem o período de Quaresma.⁶⁴ Tal período sagrado termina na Semana Santa, comemoração da ressurreição de Cristo. Assim, completa-se o ciclo de nascimento, morte e a ressurreição de Jesus Cristo.

O Carnaval é uma manifestação cultural de origem europeia e católica . Mas antes de ser uma festa de máscaras e fantasias, era época de uma personalidade folclórica assombrar os moradores de sua cidade, o *Entrudo*.

No Brasil, o Entrudo, importado dos Açores, foi o precursor das festas de carnaval, trazido pelo colonizador português. “Grosseiro, violento, imundo constituiu a forma mais generalizada de brincar no período colonial e monárquico, mas também a mais popular. Consistia em lançar, sobre os outros foliões, baldes de água, esguichos de bisnagas e limões-de-cheiro (feitos ambos de cera), pó de cal (uma brutalidade, que poderia cegar as pessoas atingidas), vinagre, groselha ou vinho e até outros líquidos que estragavam roupas e sujavam ou tornavam mal cheirosas as vítimas”.⁶⁵

⁶³MATTOS, 2006, p. 66.

⁶⁴ Os 40 dias de oração que Jesus viveu no deserto. Entre os católicos é proibido comer carne bovina e suína por 40 dias. Informação disponível em: <<http://www.sca.org.br/artigos/Quaresma.pdf>>. Acesso em 28 de Janeiro de 2011.

⁶⁵LIMA, Cláudia Maria de Assis Rocha; O ENTRUDO E O CARNAVAL BRASILEIRO, p. 5. Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, 2006. Disponível em: <<http://www.claudialima.com.br/pdf/O%20ENTRUDO%20E%20O%20CARNAVAL%20BRASILEIRO.pdf>>. Acesso em: 22 de Março de 2011.

Podemos perceber, nesse sentido, o quanto há de semelhante na figura do (a) Jaraguá e do Entrudo em relação ao seu caráter zoneiro, de brincadeira de 'mal gosto', fato que não deixa de ser uma observação relevante para sondar as características próprias do personagem lenda, objeto da pesquisa.

Segundo José Luiz, o (a) Jaraguá se manifesta no Carnaval, como um grupo organizado, desde metade do século XX, assim como relatado a seguir:

Antes dos anos 60, o Jaraguá saía depois do Reisado, de casa em casa na escuridão, assustando as pessoas. Depois chegou a luz elétrica, produzida por geradores, das 6:00 AM às 22:00 PM. Na época do carnaval, o Jaraguá virou brincadeira. Ninguém saía de casa. A primeira vez que saiu, já como bloco de carnaval, foi em 62, mas sempre de surpresa, não era anunciado.⁶⁶

A partir daí, um misto de sedução e de horror em relação ao Jaraguá, tomava conta de todos. Há pessoas que ficaram marcadas na cidade pelo horror que sentiam por esses “bichos” como 'Seu' Hortêncio, 'Seu' Agnelo e Dona Adélia⁶⁷, moradores do bairro do Porto de Cima, bairro de onde o (a) Jaraguá sai e onde mora Zé Luiz.

Zé Luiz disse já ter enfrentado muita dificuldade para manter a brincadeira do (a) Jaraguá. Devido ao perfil travesso e aparência sinistra, o (a) Jaraguá não tinha muita receptividade do público, e a adesão do público infantil não era admitida. A preferência para ser um integrante era que fosse pescador ou filho de pescador. Depois de um tempo, 'Zé' Luiz começou a fazer as fantasias tamanho infantil, com caveiras de porco e carneiro, com o intuito de conseguir passar o ritual da 'saída' de geração para geração e de amenizar a aparência negativa do (a) Jaraguá. A partir dos anos 70 e 80, o grupo começou a re-integrar outros personagens, assim como ele nos relata a seguir:

(...) incrementamos mais um pouco: o jaraguá, o boi, a burrinha e o jipinica.⁶⁸ A burrinha vai puxando o boi, aí o jaraguá morde o boi até cair morto, aí o jipiica vai lá e pica o boi, come os restos.⁶⁹

⁶⁶ José Luiz, entrevista concedida dia 23 de Abril de 2010. Anchieta, E.S.

⁶⁷ Moradores entrevistas em MATTOS, 2006.

⁶⁸ Segundo José Luiz, *jipinica* [grifo meu] quer dizer “come tudo” em língua indígena. Sua fantasia é parecida com a figura de um urubu, com um bico cumprido e preto. Entrevista concedida dia 23 de Abril de 2010. Anchieta, E.S.

⁶⁹ José Luiz, entrevista concedida dia 23 de Abril de 2010. Anchieta, E.S.

Como podemos perceber, não houve grandes modificações em relação à confecção da fantasia do (a) Jaraguá e suas técnicas artesanais (Ver Anexo n.5). No entanto, houve alterações em relação a sua identidade inicial e atual, na medida em que é verídica sua participação em outra manifestação e contexto cultural, relativo ao Reisado de São Mateus. Atualmente, porém, na cidade de Anchieta não é mais constatada a reprodução dessa relação. Além disso, José Luiz, enquanto representante do grupo do (a) Jaraguá, oferece maior abertura para participação, não precisando ser necessariamente pescador ou filho de pescador para integrar o grupo. Basta que a pessoa tenha uma relação social muito próxima com o grupo ou que seja convidada.

Esse processo 'mutável' é o que se confere ao Jaraguá enquanto elemento cultural popular, devido aos processos de globalização e desintegração da última geração. A influência das igrejas evangélicas e a diminuição do número de pescadores da cidade, dificultaram bastante a relação de vínculo de alguns integrantes.⁷⁰ A mudança de tratamento do próprio grupo com a sua cultura local, indica uma das consequências geradas pelo poder das interferências de importância global, capazes de atingir os menores e mais esquecidos territórios e povos.

No próximo capítulo faremos um breve panorama histórico demonstrando como a questão do patrimônio cultural, principalmente imaterial, obteve emancipação política na urgência de ações relativas a sua manutenção, preservação, restauração, valorização e reconhecimento aqui no Brasil, durante o século XXI. E ainda, indico as ações políticas municipais recentes, analisando-as de acordo com as diretrizes do Plano Nacional de Cultura. Procuramos, assim, visualizar toda a re-significação da figura do (a) Jaraguá diante do processo de construção política de sua identidade.

⁷⁰José Luiz, entrevista concedida dia 23 de Abril de 2010. Anchieta, E.S.

4. DA EMANCIPAÇÃO DA CULTURA POPULAR EM POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL

A seguir, veremos de forma resumida como foram tratadas as questões sobre patrimônio imaterial e cultura popular no governo brasileiro, e o processo de elaboração do Sistema Nacional de Cultura que “representa um novo paradigma da gestão pública da cultura no nosso país”.⁷¹

4.1 SOBRE DESENVOLVIMENTO DE UMA CULTURA POLÍTICA, O PLANO NACIONAL DE CULTURA

Como resultado do amadurecimento da legislação e do conceito de patrimônio, no dia 4 de Agosto de 2000, o presidente Fernando Henrique Cardoso, no seu segundo mandato de 1999 a 2002, e o Ministro da Cultura Francisco Weffort, instituíram, pelo decreto n.º 3551, o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI).⁷² O decreto veio a servir de instrumento para política de preservação, praticada no país pelo órgão público do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural), sendo o registro dos patrimônios legitimado pelo Conselho Consultivo do Instituto.

O PNPI foi a primeira 'ferramenta' governamental direcionada ao reconhecimento dos valores de bens que tem relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. Entre os objetivos do programa, estão a implementação de políticas de inventário, registro e salvaguarda de bens culturais de natureza imaterial, ações de disseminação de informação sobre o patrimônio cultural brasileiro e preservação da diversidade étnica e cultural do país. Incentiva e apoia práticas de preservação desenvolvidas pela sociedade, política para captação recursos, promoção da inclusão social e a melhoria das condições de vida de produtores e detentores do patrimônio cultural imaterial.

⁷¹Caderno “Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura”, p. 13 – 2ª ed. Brasília, agosto de 2008.

⁷²BRASIL. Constituição Federal Brasileira 1988, Decreto n.º 3551/2000. Disponível em: < <http://capoeira-bauru.sites.uol.com.br/dec-3551.htm> >. Acesso em: 18 de Maio 2011.

Dando continuidade ao processo de elaboração de uma política cultural nacional, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (de 2003 a 2010), e o Ministério da Cultura (MinC) de Gilberto Gil, seguido de Juca Ferreira, tinham como proposta a criação de um mecanismo institucional que desse conta da diversidade e desigualdade cultural do Brasil e foi com esse objetivo que foi criado o Sistema Nacional de Cultura (SNC).

Analogicamente elaborado como o SUS (Sistema Único de Saúde), de forma participativa com a sociedade civil, o SNC teve como ação inicial a promoção de uma série de debates públicos organizados pelo MinC. A partir dos resultados desses encontros, (Fóruns, Congressos e Conferências), organizados em níveis federal, estadual e municipal, foi possível elaborar diretrizes para o Plano Nacional de Cultura (PNC).

Como instância articuladora do SNC, o PNC, na medida em que pactua linhas de ação condizentes com uma ampla construção federativa da política pública de cultura, tem o intuito de criar o diálogo entre instâncias de diferentes políticas e planos, e a realização de Conferências e Fóruns que aprofundem os compromissos gerais firmados, de acordo com as circunstâncias locais e setoriais.

Para o Plano Nacional de Cultura, cultura popular é referente às “maneiras de ser, agir, pensar, e se expressar dos diferentes segmentos da sociedade, observadas tanto em áreas rurais quanto urbanas. O campo engloba, portanto, do artesanato e das festas populares aos movimentos de cultura de jovens das periferias”.⁷³ A partir de Diagnósticos Culturais apresentados durante os encontros públicos civis, destacou-se como desafio do PNC o reconhecimento e promoção das condições de produção e fruição das culturas populares.

Discutiu-se, então, sobre as questões relativas à patrimônio cultural imaterial, desde as referências teóricas até as possíveis práticas administrativas para lidar com essa diversidade. Com a oportunidade de se aprofundar, principalmente sobre estratégias de ação em Gestão Cultural para promoção e preservação do patrimônio cultural imaterial, como resolução desses encontros adotou-se o lançamento de editais. No âmbito federal, existe o Prêmio Culturas Populares direcionado para quaisquer organizações (grupos, associações, etc.) culturais que representem e são responsáveis por manter uma identidade e símbolo cultural mantido e gerido espontaneamente por um determinado povo.

Sob o ponto de vista político democrático, não é possível pensar em proteção dos bens culturais se não a partir do interesse da própria comunidade, à qual compete decidir sobre a

⁷³Caderno “Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura”, p. 39. 2ª ed., Brasília, agosto de 2008.

destinação dos mesmos, no exercício pleno de sua autonomia e cidadania. Para assegurar esse direito a comunidade necessita ter o conhecimento do seu patrimônio e dos meios de promover a sua preservação. Para a emancipação da cultura popular em políticas públicas, a elaboração do Plano Nacional de Cultura foi o passo principal, destacando-se o aspecto de ter sido criado em conjunto com a sociedade aproximando-se das questões relativas a realidade de cada região, estado, grupo, segmento, classe.

Quando identificamos, através do trabalho de campo e entrevistas, que a manifestação do (a) Jaraguá é uma expressão popular e visualizamos uma memória por trás disso, podemos indicar o (a) Jaraguá como patrimônio cultural anchietense. No entanto, de acordo com Zé Luiz e Telma, alguns pesquisadores que conhecem a manifestação defendem que o (a) Jaraguá não pode ser classificado enquanto tal, por não ter registro histórico que legitime o surgimento dessa figura folclórica em tempos de aldeia e vila de Anchieta, e por isso não pode adquirir valor patrimonial.

Para que melhor fosse analisado as propensões culturais que o (a) Jaraguá pode alcançar sob o ponto de vista político, entrevistei Telma Amaral, Gerente Estratégica de Cultura e Patrimônio Histórico⁷⁴ do município capixaba, afim de saber se existiam ações culturais de valorização e reconhecimento do Grupo Folclórico do (a) Jaraguá, como ela mesma os classifica e possui registro.

A seguir, reflito e cruzo as preocupações e a delicadeza das medidas municipais que atingiram e atingem a manifestação e a imagem folclórica do (a) Jaraguá, com as questões sociais, políticas e culturais levantadas por teóricos intelectuais como Ladislau Dowbor e Milton Santos, sobre a importância de uma reforma política por uma gestão participativa a favor da conscientização política e prática da cidadania .

⁷⁴O setor da cultura em Anchieta era uma divisão dentro da Secretaria de Esporte e Lazer. No ano de 2010 foi feita uma reforma administrativa na Prefeitura da cidade, em que a administração das questões culturais hoje, é independente enquanto Gerência Estratégica por ter uma dotação específica e está diretamente ligada ao gabinete. “Não foi criada nem uma secretaria nem ficou como uma divisão. Então é uma estrutura menor, mas que tem uma dotação própria e um programa de cultura também, igual a Secretaria do Estado.” (Entrevista com Telma Amaral, 23 de Maio de 2011, Anchieta, E.S.)

4.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA NA GESTÃO POLÍTICA

Como vimos, alguns intelectuais não acreditam na homogeneização dos valores e da cultura a partir da globalização. Um deles é o geógrafo brasileiro Milton Santos, em *O espaço do cidadão* (1987), ao defender que "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente". Ele entende que a compreensão das particularidades locais e as interações entre o local e o global, em uma construção e desconstrução dialética da cultura e dos valores, traduzem a cultura na contemporaneidade. Portanto, é no lugar/local que a cultura mantém seu valor simbólico e material, intercambiando sua referências locais, regionais, nacionais e globais num movimento dinâmico de reconstrução de seus valores, ao mesmo tempo que procura reafirmá-los.

A arquiteta e urbanista Andréa Curtiss Alvarenga, em sua tese de mestrado *Reflexões sobre as consequências da implantação de grandes empreendimentos no município de Anchieta – ES*, mostra sua preocupação sobre os impactos identitários da população nativa de Anchieta, consequentes da mudança de paradigma, imposto pela ordem global, proporcionada pelo momento de desenvolvimento econômico que a cidade está sofrendo, a seguir:

Anchieta, através de toda sua história construiu sua identidade, sua memória coletiva e seu patrimônio. Bens que fazem parte do acervo cultural e dos saberes da comunidade, e que permitem que os munícipes se reconheçam e tenham o sentimento de pertencimento à sua cidade. Contudo, com o processo de modernização, o crescimento da cidade, as novas vizinhanças e as relações interpessoais impostas pelo novo paradigma que o município vive, com a implantação de empresas, de empreendimentos industriais, e toda mudança na economia local, Anchieta vive hoje novas relações sociais, e sua cultura local perde um pouco do seu significado.⁷⁵

Portanto, tudo indica que, em grande parte, essas novas formas de viver e interagir estão relacionadas ao que foi chamado processo de modernização e desenvolvimento, proporcionado pelo fenômeno da globalização, tanto das áreas rurais quanto das urbanas. E

⁷⁵ALVARENGA, Andréa Curtiss. *Reflexões sobre as consequências da implantação de grandes empreendimentos no município de Anchieta – ES*. Vitória, 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010, p. 81 e 82.

no que diz respeito às ações municipais de cultura, no sentido de procurar amenizar os impactos socioculturais que podem ocorrer em consequência do momento de grande desenvolvimento industrial, econômico e político que Anchieta vive nos dias de hoje, a Gerente de Cultura e Patrimônio Histórico, Telma Amaral, esclarece os valores da linha política de cultura que assumiu desde o governo de 2006, com o Prefeito reeleito Edival Petri (2006 – 2009 / 2009-2012):

Dentro daquilo que a gente tem como política de cultura do município, está em primeiríssimo lugar, a valorização da cultura local. Aquilo que a gente considera e vê cultura raiz, né? Que tem uma memória e uma referência histórica, que tem anos de tradição. Então, existe, assim, uma proposta nossa de cuidar, de fazer programas e ações que possam estar voltados para manter essa memória viva. Isso, para gente, é uma ação considerada muito importante até porque nós estamos passando por um momento, um processo de desenvolvimento local, né? Com a vinda de indústrias, de uma série de empreendimentos que estão vindo para Anchieta, que vai alavancar, que vai é.. em pouco tempo a população vai dobrar ou mais. E aí, tendo exemplos de outros lugares onde isso aconteceu e a cultura do município sumiu, desapareceu do mapa, a gente, já com esse alerta, estamos tentando mobilizar, sensibilizar, companheiros de setores do Executivo, para que haja essa preservação.⁷⁶

Podemos perceber, que enquanto responsável da área de cultura de Anchieta, Telma Amaral procura afinar suas ações com as diretrizes gerais do Plano Nacional de Cultura, a medida que procura “reconhecer e promover as condições de produção e fruição das culturas populares” e “reconhecer e apoiar as expressões e o patrimônio cultural afro-brasileiro e indígena”,⁷⁷ pois estas, fazem, historicamente, parte da base étnica da cidade, como já vimos no Capítulo 2.

Um importante aspecto a destacar, é que Telma anuncia a dificuldade de inserção da lógica de uma política cultural para outros setores administrativos que compõe a Prefeitura. Ou seja, política cultural é algo muito novo para a gestão municipal. Meios que nunca foram discutidos e nem visualizados com importância, pois a política municipal sempre se limitou em priorizar ações como obras e ações de grande visualização da Prefeitura. Apenas no governo atual do Prefeito Edival Petri, está havendo abertura para sensibilização e importância para elaboração de uma política cultural municipal.

Em relação ao processo de aproximação e de diálogo com a manifestação do (a) Jaraguá, a favor da valorização e reconhecimento dessa identidade enquanto grupo folclórico

⁷⁶Telma Amaral, entrevista concedida dia 23 de Maio de 2011. Anchieta, E.S.

⁷⁷ Caderno “Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura”, p. 39 e 43 - 2ª ed. Brasília, agosto de 2008.

do município, a Gerente de Cultura e Patrimônio Histórico, Telma Amaral nos conta o início desse contato, a seguir:

Quando eu vim para cá e assumi a cultura, e a gente já sabia do Jaraguá e que eles saíam de vez em quando, (eu não tinha nem ideia de que eles só saíam no carnaval), eu fui conversar com eles e a gente começou a buscar uma maneira de difundir, de divulgar mais essa manifestação folclórica e uma das ações que nós começamos a fazer foi levar o Jaraguá para outros lugares. E aí a gente abre um parêntese para falar o quê que é isso: primeira vez que o Jaraguá saiu do contexto de 'saídas no momento do Carnaval', foi quando nós inserimos o Jaraguá no Auto do José de Anchieta. Nós montamos o Auto de Nossa Senhora da Assunção e no auto não tinha Jaraguá, mas nós o introduzimos, no momento inicial, que o Jaraguá chegava criando todo um tumulto, numa das cenas.

Aí, nós passamos a todos os anos pedir emprestado ao grupo do Jaraguá, os Jaraguás para a gente levar para o espaço cultural da Festa Nacional do Beato Anchieta. Então a gente expõe, dois, três, quatro fantasias, isso desde aquela época de 2006. Eles cedem com toda uma cerimônia, para gente tomar cuidado, etc. Nós colocamos o Jaraguá num espaço, com um cercadinho, colocamos uma plaquinha : “ Jaraguá: tradição folclórica do município.” E ele fica lá, e as pessoas querem saber, vão tirar foto, querem saber o quê que é. E passamos a levar também em algumas atividades. Então quando a Assembleia pediu, ' quais são as principais tradições folclóricas de Anchieta para a gente homenagear?' O Jaraguá. Aí a gente leva o Jaraguá como as outras tradições mais antigas, e a gente leva eles para lá. Quando a Câmara Municipal, perguntou: ' Quem a gente pode homenagear esse ano aqui em Anchieta? Vamos homenagear o grupo do Jaraguá, que é um grupo com mais de 40 anos de tradição. Aí, o Jaraguá recebeu, através do Zé Luiz, a Comenda de Mérito Cultural, por manter essa tradição no município. E Daí a gente vem buscando levar aqui e levar ali, né?

Então o Jaraguá começou a ser conhecido, inclusive o Zé Luiz já falou que eles chamam, as vezes, o Jaraguá para a escola. Então até esse momento que a gente não havia feito nenhuma intervenção, o Jaraguá existia ali e saía no Carnaval. A partir do momento que a gente começou a buscar esse contato, de fazer essa difusão, aí começou o Jaraguá ficar mais popular, né? A participar mais das atividades.⁷⁸

No mês de novembro do ano de 2010, foi lançado, pela Gerência Estratégica de Cultura e Patrimônio Histórico do município de Anchieta, o Edital Prêmio Anchieta Arte e Cultura, “com objetivo de fomentar e incentivar, no âmbito do município, o desenvolvimento da arte e cultura em suas diversas expressões artísticas no sentido de promover a diversidade cultural aos residentes no município de Anchieta”.⁷⁹ No entanto, o edital não era previsto para manifestações culturais folclóricas ou populares, pois num primeiro momento, Telma confessa ter sido necessário lançar um edital para reconhecimento da demanda cultural real do município, dizendo o seguinte:

⁷⁸Telma Amaral, entrevista concedida dia 23 de Maio de 2011. Anchieta, E.S.

⁷⁹Dado retirado do Edital n. 001/2010 Prêmio Anchieta Arte e Cultura. Arquivo próprio.

(...)num primeiro momento, eu imaginei um formato que a gente pudesse fazer um edital pra teatro, um edital para o folclore, um edital para música..Acontece que a gente precisava lançar, conhecer verdadeiramente qual a nossa demanda, vê como essas pessoas reagem, participam, e qual é o produto tangível desses editais. Então, foi um estudo que levou quase um ano, era para ter sido lançado no final do ano retrasado, e no ano passado só foi possível lançar já no final do ano. Por que mexer com leis, com editais e, principalmente, da área de cultura, que é diferente de comprar o material odontológico, isso, para o setor público, é ainda misterioso (risos). Então, são batalhas que a gente vem travando para poder conseguir sensibilizar, que entendam que precisa facilitar, mas é facilitar dentro da lei. Buscar mecanismos que possam facilitar o acesso, para que desde a pessoa mais humilde possa participar, como uma pessoa que já tem uma formação ou que participa de outros editais e que tem conhecimentos dentro da área de produção e tudo o mais. Então, que pudesse dar acesso a todos. Fazer isso não foi fácil. Nós buscamos modelos, adaptamos, buscamos amparo na lei para poder fazer esse edital de cultura e vamos mantê-lo anualmente.⁸⁰

A fim de agir no formato de ações imediatas, como no caso do edital de cultura, ela informou que existem, ao mesmo tempo, uma Lei Municipal de Incentivo à Cultura, um Fundo Municipal de Cultura e a criação de um Conselho em trâmite na Câmara Municipal, como diz a seguir:

Nós temos uma lei de incentivo no município, mas que ainda não foi aprovada, ainda não foi regulamentada. Foi até o Edson, como vereador, logo no primeiro mandato dele, ele fez uma lei para Cultura. Mas é uma lei daquele estilo da lei de Vitória, da Rubem Braga, de bônus. E a gente ainda não conseguiu colocar essa lei em funcionamento. Então, paralelo a isso, eu venho buscando um outro formato que eu considero de mais acesso a população de Anchieta, que é o Fundo de Cultura. Então, está tramitando a criação desse fundo de cultura, paralelo ao Conselho Municipal de Cultura. Até que isso aconteça, nós buscamos uma orientação da procuradoria do município para fazer um edital com recursos próprios. A hora que existir o fundo, essas mobilizações que nós vamos fazer, vão sair em editais e pelo Fundo. Até que o Fundo seja legalizado e que o Conselho possa estar gerindo esse fundo, nós vamos estar fazendo anualmente um edital de cultura.⁸¹

Telma argumenta também sobre a dificuldade de conscientizar os grupos culturais populares para se organizarem legalmente perante a sociedade civil, e sobre a possibilidade de prover de recursos públicos e privados através de editais, programas e prêmios com maior facilidade.

⁸⁰Telma Amaral, entrevista concedida dia 23 de Maio de 2011. Anchieta, E.S.

⁸¹Idem.

Agora podemos perceber que, apesar de existir a preocupação pertinente de Alvarenga e Telma em relação ao impacto que o desenvolvimento econômico e a globalização de valores e identidades, há uma 'mão de via dupla', pois, assim como o economista político Ladislau Dowbor defende, as cidades e a sociedade estão se remodelando. Em consequência disso, pode ocorrer o fenômeno de “resgate da dimensão comunitária” na medida em que os moradores locais percebem a necessidade de se organizarem, assumindo uma posição política social, ou seja, uma representatividade, um 'espaço' em que possam fazer suas colocações e reagir, adaptando-se a relação dialética estabelecida entre 'o global' e 'o local', como o economista político nos faz questionar a seguir:

É melhor ser cidadão local ou cidadão do mundo? A pergunta não tem sentido à medida que a cidadania tem hoje de se exercer em diversos níveis de espaços articulados. Transferir a cidadania para níveis cada vez mais amplos e cada vez mais distantes do cidadão, é transferir o poder significativo para megaestruturas multinacionais, enquanto se dilui a cidadania no animato. Em nome do individualismo, liquida-se o espaço de expressão social do indivíduo.⁸²

Essa questão do “resgate da dimensão comunitária” que Dowbor observa, é relativa à construção de uma conscientização política, no caso, dos segmentos culturais da sociedade, e, portanto, do indivíduo para cidadão de modo geral.

Para que o Grupo Folclórico do (a) Jaraguá, (assim como a Gerência Estratégica de Cultura e Patrimônio os reconhece), participasse do edital, o grupo teve que se adequar a classificação de segmento de 'arte integrada', justificando-se pela linguagem teatral da manifestação do (a) Jaraguá. O projeto, no entanto, teve título e objetivo principal de “Restauração e Recuperação do Acervo do grupo folclórico do (a) Jaraguá.”, tendo como contrapartida o produto audiovisual de registro dos processos de confecção da fantasia, (toda a secagem do musgo do mangue, a costura, a secagem das cabeças), além da coleta e registro de depoimentos dos integrantes do grupo, contando a experiência e história de vínculo de cada um com a manifestação, e o quê eles sabem do surgimento do (a) Jaraguá.

Para saber como foi esse processo de adequação do Grupo folclórico do (a) Jaraguá para 'classificação' de 'arte integrada' no edital municipal, fui procurar José Luiz, representante legal da manifestação. No entanto, essa questão não pareceu incomodá-lo, pois,

⁸²DOWBOR, Ladislau, 1999, p.43.

como resultado final conseguiu ser contemplados em primeiro lugar pelo edital municipal. Ele também disse ter contado com o apoio da Telma, da Sara e da Jô (Joana), funcionárias da Gerência Estratégica de Cultura e Patrimônio Histórico, para elaboração do projeto e demais instruções. Durante a entrevista, pudemos captar o entusiasmo com que José Luiz conta o desafio vencido de participar do edital e de como isso foi importante para o grupo. Nos trechos da entrevista, a seguir, ele nos conta como foi o processo de elaboração do projeto em conjunto com as funcionárias da Gerência, e como foi importante participar do processo de seleção do edital, dizendo:

Eu chamo elas de madrinha. A Jô também. Explicando tudo, como que tinha que fazer para participar do edital. Quando a gente fazia uma reunião para discutir o quê que a gente queria do projeto, tinha reunião com o grupo todo. Ver o quê a gente queria, vê as contas para ver para quem que a gente ia dar... Mas só para ajudar a montar mesmo, era eu, Bito e Douglas.

(...) eu acho que fortaleceu o grupo, primeiro foi o prêmio, que a gente não esperava, né? Então o quê vai acontecer agora: eu acho que o grupo se uniu mais e a gente tem mais empenho, mais entendimento. Vai reunir mais o grupo, pra frequentar mais vezes, pra buscar a criança. Porque o principal da tradição é não deixar a tradição morrer.⁸³

O fortalecimento do vínculo entre os integrantes do grupo e a manifestação, foi, aqui, claramente relacionado com a participação e a conquista de ser contemplado pelo primeiro edital de cultura do município de Anchieta. Exemplo de quê, assim como Dowbor acredita, a partir de ações participativas que exigem a organização da sociedade, há em consequência, a produção de uma subjetividade e processo de construção de uma consciência política para prática do exercício da cidadania. Um dos aspectos que fazem parte desse “descobrimento” de que há meios legais pelos quais o sujeito pode ser reconhecido enquanto elemento constituinte da identidade cultural do seu município, é o estudo das alternativas de como se representar de forma legal perante a sociedade. Segundo Zé Luiz, no caso do (a) Jaraguá existem duas opções: enquanto associação cultural e grupo folclórico ou enquanto grupo carnavalesco.

Zé Luiz acredita que deve haver uma maneira de ser representado legalmente, de maneira que consiga verbas direcionadas para grupos carnavalesco e a participação em editais para grupos folclóricos. Mas, a gerente Telma defende e orienta o grupo para se adequarem enquanto Associação Cultural do Grupo Folclórico do Jaraguá, já que o grupo não possui, historicamente, essa característica. Assim como nos disse, a seguir:

⁸³José Luiz, entrevista concedida dia 27 de Maio de 2011. Anchieta, E.S.

A gente procura orientar, mas não interferir de forma que seja algo imposto. Tem que ser decisão deles. Mas a gente tenta explicar para eles o porquê que a gente sugere que seja uma associação cultural folclórica, e deixa que eles decidam a maneira que eles querem fazer. O quê acontece é, que se eu não me engano, existe uma lei, é que essa parte de carnaval não é comigo, é com o Turismo. Então, no Carnaval, a única ação que a Cultura faz é em relação ao Jaraguá.

Pelo o quê eu sei tem uma lei, alguma coisa assim que contrata os grupos de marchinhas por um valor 'X', e ele gostaria de acessar esse valor. Acontece que a gente já explicou para eles, eles não tem essa característica da banda de marchinhas, e também não são associação, então não podem.⁸⁴

O grupo se vê perdido em relação a definição da sua representação legal. Mas, segundo Telma, a organização e o estudo disso devem partir dos integrantes, ou de quem o grupo designar responsável por orientá-los. Zé Luiz também reclama que sua maior dificuldade no processo de definição, é no contato com o vocabulário das leis e a dificuldade de acesso à informação.

Na conclusão, a seguir, fazemos uma análise sobre o estudo de caso da manifestação do (a) Jaraguá, fundamentado na reflexão das questões envolvidas na prática do âmbito político cultural municipal, na execução de ações a favor da emancipação dessa identidade cultural e reconhecimento de seu valor patrimonial.

⁸⁴Telma Amaral, entrevista concedida dia 23 de Maio de 2011. Anchieta, E.S.

CONCLUSÃO

Como vimos durante a leitura da monografia, alguns intelectuais que discutem o processo de globalização e a transformação das referências identitárias na sociedade pós-moderna, acreditam que este processo tende a apagar as diferenças culturais e solidificar a homogeneização dos seus valores, transformando a identidade cultural de cada lugar, em uma identidade global que não se preocupa com a história, não tem memória e universaliza gostos e costumes de acordo com as demandas da política econômica de mercado.

Mas ao mesmo tempo, há autores como Canclini, Hall e, sob o ponto de vista estritamente político, Dowbor, que mostram sua tendência em acreditar que da relação entre o global e o local pode surgir o que é chamado de 'Culturas híbridas', o que significa em não concordar que o impacto entre a cultura local e o desenvolvimento econômico determinado por valores políticos mundiais, gere um resultado de anulação completa dos valores simbólicos locais, e que, pelo contrário, gera uma atitude social capaz de interagir com os valores globais de forma surpreendente, a partir da consciência política de cada identidade.

Após o processo de amadurecimento do conceito de patrimônio cultural já mencionado no subitem 1.3 dessa monografia, à cultura popular foi agregada um valor político em detrimento do respeito e incentivo à diversidade e à manutenção de bens culturais materiais e imateriais históricos, a favor de um dito desenvolvimento sustentável e humanista. No Brasil, a emancipação da cultura popular e promoção da diversidade teve como consequência a realização de Conferência e Fóruns, levantando-se dados e estudos culturais, para a partir daí serem elaboradas as diretrizes do Plano Nacional de Cultura.

Em Anchieta, o (a) Jaraguá é identificado como personagem folclórico de origem popular, cujas matrizes parecem indicar uma miscigenação entre a cultura afro e a indígena. Seu nome diz-se de origem tupi, no entanto, seu personagem é lembrado quando vinculado ao Reisado de São Mateus, comunidade interiorana de base étnica afro-descendente, há, pelo menos, cerca de 80 anos atrás, tendo-se como referência o tempo de vida de D.L e S.R.

No âmbito de ações culturais municipais para a preservação da cultura local e, especificamente, da manifestação do (a) Jaraguá, o que se pode observar é um 'balanço' positivo, a medida que as entrevistas constatam a observação do movimento de união do

grupo, como José Luiz nos informou anteriormente. Além disso, a atenção dada pela Gerência Estratégica de Cultura e Patrimônio Histórico do governo atual do Prefeito Edival Petri (2009-2012), representada por Telma Amaral, ao procurar orientar o grupo para a vantagem de se organizarem legalmente perante a sociedade civil, mantém sua ética de trabalho alinhada com o Plano Nacional de Cultura.

Assim, a Gerência procura mostrar um planejamento de ações, executando as de caráter imediato como o lançamento do primeiro edital de cultura no município, no qual o grupo folclórico do (a) Jaraguá foi contemplado em primeiro lugar; e a homenagem na Câmara dos Vereadores ao grupo, no ano de 2010. Ao mesmo tempo, estão em trâmite as medidas de longo prazo, como o caso da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, o Fundo Municipal de Cultura e o Conselho Municipal de Cultura.

Sobre o processo da construção de uma consciência política e da organização do grupo à procura de uma representação civil (atitudes que facilitam a participação do mesmo em editais de cultura) a gestão mantém a ética de autogestão e não interferência nas decisões do grupo do (a) Jaraguá. O importante é que tanto a Gerência, quanto qualquer instituição ou profissional que não tenha sido procurado pelo próprio grupo, não deve impôr sua preferência a ponto de não levar em conta as considerações dos integrantes.

No entanto, é importante apontar que houve certo descuido da Gerência ao não ter feito uma pesquisa de reconhecimento da demanda cultural do município antes de lançar o edital. A consequência disto foi o fato de o grupo folclórico do (a) Jaraguá ter a necessidade de se adequar enquanto arte integrada para participar do edital. Isso ainda significa um problema, a partir da conclusão de que não existem ações ou programas municipais direcionados para grupos e manifestações populares que levem em conta suas características e demandas específicas de manutenção de seus rituais e símbolos.

A importância da realização de um diagnóstico local é estritamente necessário para reconhecimento das demandas culturais da população do município. No entanto, sob a perspectiva prática do Plano Nacional de Cultura, o reconhecimento de suas diretrizes são iniciais e 'estranhas' à realidade das atividades dos poderes executivo e legislativo locais. Esse impasse não é apenas uma característica de Anchieta, mas sim um fato da relação que se constitui entre a teoria e a prática política.

Contudo, podemos concluir, assim como Hall, Canclini, Milton e Dowbor acreditam, que até esse momento, em Anchieta, há a pretensão do surgimento de um novo pensamento,

pois, através do estudo de caso, vimos que a gestão municipal prima pela preocupação em restringir os danos e impactos socioculturais, provenientes da interferência brusca de valores globais de interesse econômico e político mundial. Em consequência, há uma dinâmica do grupo da manifestação do (a) Jaraguá, para que, a partir da aquisição de uma conscientização e de uma representação política, possa ter a possibilidade de dialogar, defender e organizar ações que possam evitar o esquecimento e a desvalorização de sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, Andréa Curtiss. *Reflexões sobre as consequências da implantação de grandes empreendimentos no município de Anchieta – ES*. Vitória, 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.
- BARTH, Frederik. *O Guru, o iniciador*. Bergen-Oslo/Boston, Universitets Forlaget/Little Brown, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- BOSI, Alfredo. *Cultura como tradição* In: BORNHEIM, G. et al. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/ Funarte, 1987.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*; tradução Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- CANCLINI, Nestor García. *As culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo, Edusp, 1983.
- _____. *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2ª ed., 1996.
- _____. *Culturas Híbridas*. Rio de Janeiro, Editora Edusp, 2000.
- CUÉLLAR, Javier Pérez de (Org.). *Nossa Diversidade Criadora: Relatório da comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*. Campinas, SP : Papirus, Brasília. Unesco, 1997.

DOWBOR, Ladislau. *A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 13ª edição, 2008.

GONÇALVES, Emiliana. *Anchieta Cidade dos Sonhos*. Vitória, 1996.

HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

MATTOS, Sonia Missagia. *Anchieta Nosso Patrimônio*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2006.

NEVES, Luiz Guilherme Santos, PACHECO, Renato José Costa, FERREIRA, Renata Diniz, MURARI, Jonas Braz. *História, Geografia e Organização Social e política do Município de Anchieta*. Vitória, Brasília Editora, 1995.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Universidade Federal de Brasília, Livraria Pioneira Editora, 1976.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo, Nobel, 1987.

Artigos, revistas e documentos virtuais:

BRASIL. Constituição Brasileira 1937. Decreto-lei 25/37 | Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/109250/decreto-lei-25-37>>. Acesso em : 28/03/2011.

BRASIL. Constituição Brasileira 1988. Decreto-lei 25/37; art.216, parágrafo II. Disponível

em: <<http://www.alep.pr.gov.br/system/files/corpo/Con1988br.pdf>>. Acesso em: 28 de Março de 2011.

Caderno *Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura*. 2ª ed., Brasília, Agosto de 2008.

GUERRA, Denise. *Danças brasileiras de matriz africana: “Quem dança, seus males espanta!”*. Revista África e Africanidades - Ano I - n. 4 – Fev. 2009 - ISSN 1983-2354. Disponível em : <http://www.slideshare.net/mara_virginia/dancas-brasileiras-dematrizafricana>. Acesso: 22/02/2011.

LIMA, Claudia Maria de Assis Rocha. *O Entrudo e o Carnaval Brasileiro*, p. 5. Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, 2006. Disponível em: <<http://www.claudialima.com.br/pdf/O%20ENTRUDO%20E%20O%20CARNAVAL%20BRASILEIRO.pdf>>. Acesso: 22 de Fevereiro de 2011.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Mastros, bandeira e Barcos na Festa do Povo*, 2006. Artigo no site <www.horadobrasil.net>. Disponível em: <http://www.horadobrasil.net/index.php?option=com_events&task=view_detail&agid=32&year=2006&month=12&day=08&Itemid=37>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2011.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Folia_de_reis>. Acesso em: 28 de Janeiro 2011.

< <http://www.sca.org.br/artigos/Quaresma.pdf> >. Acesso em 28 de Janeiro de 2011.

Entrevistas:

1. José Luiz Carvalho Dollingør ou 'Zé' Luiz, representante oficial da manifestação do (a) Jaraguá: dias 23 de Abril de 2010 e 27 de Maio de 2011.

2. Z.P, integrante do Congo Sol e Lua : dia 27 de Janeiro de 2011.

3. H.A, integrante do Congo Sol e Lua: dia 27 de Janeiro de 2011.

4. D.L, ex-integrante do Reisado de São Mateus e do Congo Força da Raça, ou o chamado 'Tambor' de São Mateus: dia 27 de Janeiro de 2011.
5. S.R, ex-integrante do Reisado de São Mateus (era Jaraguá) e do Congo Força da Raça, ou o chamado 'Tambor' de São Mateus: dia 27 de Janeiro de 2011.
6. D.P, integrante do Reisado de Anchieta e do Congo Sol e Lua: dia 31 de Janeiro de 2011.
7. D.Z, integrante do Reisado de Anchieta e do Congo Sol e Lua: dia 31 de Janeiro de 2011.
8. Telma Amaral, Gerente Estratégica de Cultura e Patrimônio Histórico Municipal: dia 23 de Maio de 2011.

ANEXOS

1. Igreja de Nossa Senhora da Assunção:



Foto: Igreja Nossa Senhora da Assunção.

Fonte: Prefeitura Municipal de Anchieta, 2008.

2. Fotos Comparativas:



Foto1: Anchieta (1910) desde a margem sudeste da foz do rio Benevente.

Fonte: <<http://culturamaratimba.blogspot.com/2009/08/imagens-antigas-de-anchieta-es-ii.html>>. Acesso em: 28 de Março de 2011.



Foto 2: Anchieta (1970) desde a margem sudeste da foz do rio Benevente.

Fonte: Instituto Jones Santos Neves , retirado de ALVARENGA, Andréa Curtiss, 2010.



Foto 3: Anchieta (2010) desde a margem sudeste da foz do rio Benevente.
Andréa Curtiss, 2010.

3. Notícia de Jornal:

A TRIBUNA - VITÓRIA-ES - DOMINGO - 10/12/2006

ESPECIAL

5

Megacidade substituirá vila num piscar de olhos

Anchieta abriga hoje 20 mil habitantes e em oito anos número deve chegar a 100 mil; bucolismo e poesia darão lugar a um ritmo urbano intenso

JOSE ANTONIO SANCHELLI

A doce brisa que assanha as palmeiras e encraspa ondas da praia; a serenidade nos rostos dos pescadores à espera das primeiras luzes da manhã para buscar peixinhos no mar; o vai-vém nas ruas de uma gente alegre e descompromissada e o tempo deixando um rastro preguiçoso de sua passagem pela cidade. Anchieta é pura poesia e o bucolismo do lugar toca fundo a alma.

A implantação de um pólo minero-siderúrgico e petrolífero, no entanto, transformará o município. A população, hoje de 20 mil habitantes, em apenas oito anos, passará a somar 100 mil, prevê o prefeito Edival Petri, um salto de 400%. São cerca de 80 mil novos moradores que virão de outras regiões atraídos pelo "boom" de desenvolvimento. Se por um lado isso significa mais dinheiro para a cidade, por outro representa uma mudança radical no estilo de vida e mais pressão sobre o poder público. Em vez de poesia e bucolismo, um frenético ritmo urbano tomará conta do lugar.

"Se a população crescer cinco vezes, será preciso multi-

plicar tudo por cinco. Vamos precisar de cinco vezes mais escolas, hospitais, esgotos, telefonia, água e energia. Será preciso ainda uma solução para a destinação do lixo e para o transporte", adianta o prefeito. Segundo ele, neste novo cenário, a malha urbana de Anchieta se interligará com a de Guarapari e será preciso um anel viário para desviar o trânsito pesado de dentro da nova cidade.

RECEITA

Anchieta provavelmente será a principal base para a exploração e produção de petróleo no Estado. O porto de Ubu, que já sedia uma base supply e uma empresa especializada em implantação de gasodutos submarinos, a Subsea7, deve sediar também uma unidade de tratamento de gás e de terminal da Petrobras. Ali deverá chegar todo o gás natural a ser produzido nos campos situados no litoral sul capixaba.

Além dos megainvestimentos do setor petrolífero, Anchieta deverá sediar também uma siderúrgica e cinco novas usinas de pelotas no período. Tudo isso porque a Grande Vitória está "estrangulada" e não há mais espaço físico e ambiental para a CST e a Vale continuarem crescendo. O município é, portanto, o novo site para os futuros projetos destas duas companhias.

Para Edival, todo este impacto preocupa porque o município não dependerá só de seus recursos para atender as novas demandas sociais. A expansão dos serviços essenciais, como telefonia, energia, água e saneamento básico, dependem de investimentos das empresas concessionárias desses serviços. A implantação de uma usina de lixo e uma nova infra-estrutura de transportes dependerá do apoio do Estado. O prefeito também espera obter recursos federais para a construção de novas moradias.

Igualdade na disputa por vagas

A qualificação profissional é o principal investimento para a inclusão dos trabalhadores de Anchieta no novo cenário econômico. O objetivo é dar igualdade de condições na disputa por uma vaga. "Não queremos que os novos empregos sejam todos ocupados por técnicos de fora enquanto as pessoas daqui ficam a ver navios", afirma o prefeito Edival Petri.

O prefeito quer que os empresários aproveitem as oportunidades. O turismo de negócios, revela, tende a crescer muito e as pousadas locais devem investir e explorar isso.

O principal investimento em qualificação é o centro de treinamento implantado em parceria com a Samarco e o Sistema Fines e que funciona ao lado da prefeitura. Dois terços das vagas são para moradores de Anchieta e um terço para moradores de Guarapari. O centro foi criado para atender a Samarco e o convênio vai até julho de 2007. Edival Petri diz que a meta é fazer dele um centro permanente de qualificação e se os atuais parceiros não renovarem o convênio, buscará parceiros substitutos.

Outra ação é atrair cursos de nível superior para a cidade. Como Anchieta não tem faculdades — só existe a

Figura: Notícia de Jornal

Fonte: Jornal *A Tribuna*, p. 5. Publicação de 10 de Dezembro de 2010, Vitória, E.S.

4. Mapa de Anchieta e Comunidades:

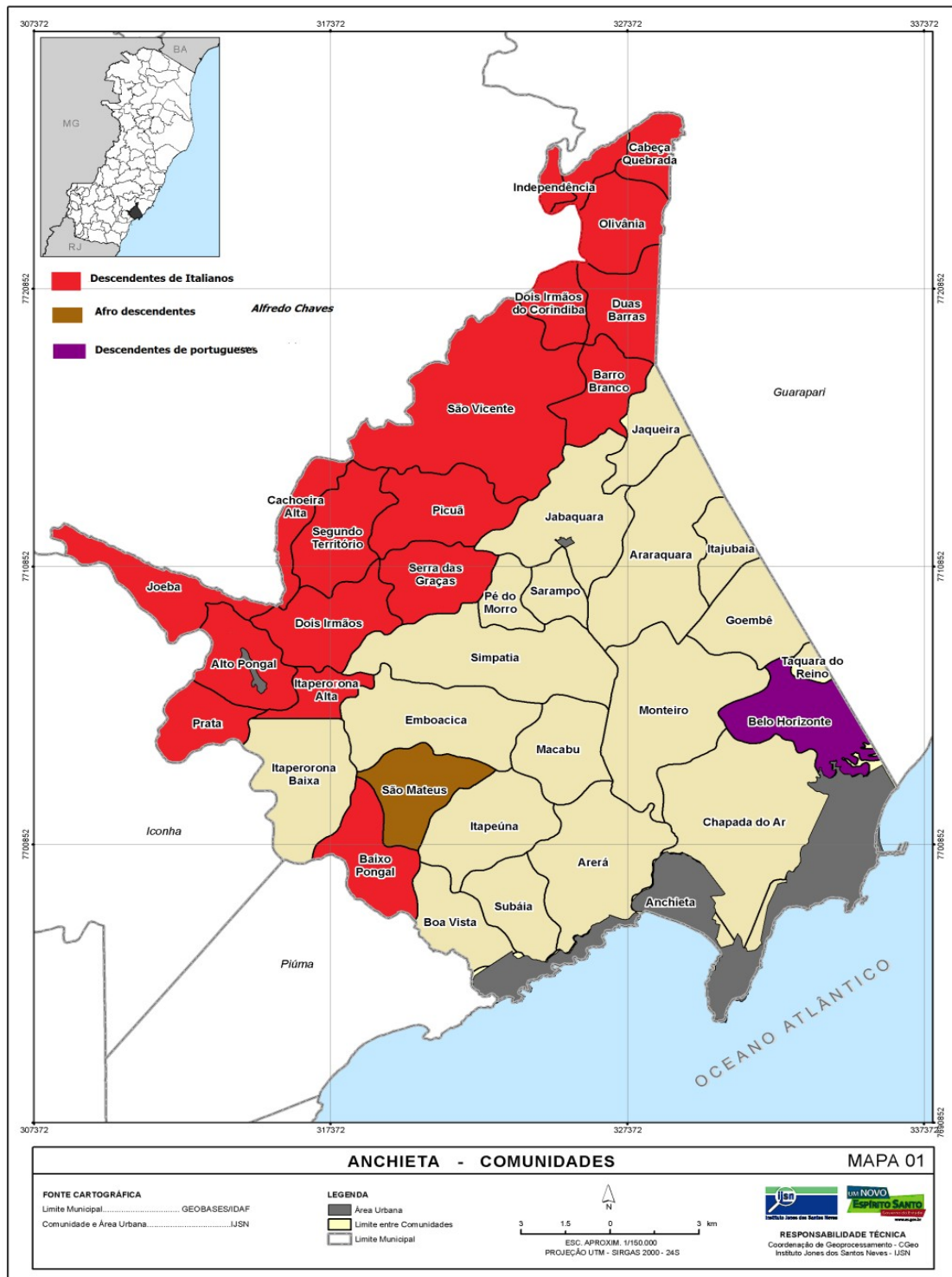


Figura: Mapa de Anchieta e Comunidades

Fonte: Instituto Jones Santos Neves (modificado), retirado de ALVARENGA, 2010.

5. Jaraguá e José Luiz:



Foto 1: Cabeça do Boi Estrela.
Fonte: Acervo próprio, 23 de Abril de 2010.



Foto 2: Cabeça do Boi Estrela e cabeça do (a) Jaraguá.
Fonte: Acervo próprio, 23 de Abril de 2010.



Foto 3: José Luiz e cabeça do (a) Jaraguá (1).
Fonte: Acervo próprio, 23 de Abril de 2010.



Foto 4: José Luiz e cabeça do (a) Jaraguá (2).
Fonte: Acervo próprio, 23 de Abril de 2010.



Foto 5: Jaraguá na rua. Bairro Porto de Cima, Anchieta, E.S. Carnaval, 2010.
Fonte: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/anchieta-es-o-mar-responde>>.
Acesso em: 28/02/2011 .